

Velhas Casas

II

(FREGUESIA DE FERMENTÕES)

Casal de Minotes

Foreiro ao Mosteiro de São Domingos

Adivinho-os: — vivos, felizes, assinando de cruz na fatura das suas terras e seus milhos. Vão emprazar o casal, o maior da freguesia, aos senhorios directos, os senhores frades do Mosteiro de S. Domingos. Desfilam com as suas arrecadas, os seus varapaus, o chiar dos carros, o zumbir dos mosquitos no fervilhar dos mostos. Ambos, Catarina Fernandes e marido Domingos Duarte comprometem-se a pagar de renda «*cinquenta e sinquo alqueyres de pão meado de centeyo e mylho e trigo ts os alqueyres paguos pela rasa da medida velha como correo este anno de mil quinhentos e setenta e sinquo*» ⁽¹⁾. Ei-lo emprazado com «*suas casas terras campos latadas boussas soutos devesas arvores de fruyto e sem fruyto suas agoas e seus montados e suas entradas e sahydas novas e antigas*», tal como ela, Catarina Fernandes, o recebeu de seus maiores ⁽²⁾.

⁽¹⁾ Prazo feito a Domingos Duarte e sua m.^{er} Catarina Fernandes, do Casal de Minotes, Fermentões, a 20-5-1575. Tomo 4.^o dos Livros de Prazos do Convento de São Domingos, Guimarães, fls. 13, (B-17-3-38). Arq. Mun. A. Pimenta.

As primeiras e últimas páginas deste emprazamento estão cortadas parecendo ser à tesourada, o que acontece na maior parte destes tomos. Já se encontravam neste triste estado quando da sua incorporação no Arquivo de Guimarães.

⁽²⁾ O prazo anterior a este é de 1509, a Pedro Anes e m.^{er} Catarina Rodrigues. O primeiro assento de Baptismos feito nos livros de Fermentões é o de António, em 20-5-1554, filho de João Anes, de Minotes e sua m.^{er}. Tem também o de Gonçalo, em 1556, e o de Pedro, em 1558, irmãos do mesmo. Encontro nos óbitos o falecimento de Maria Pires, viúva de Minotes, a 10-3-1584, e em casamentos o de Pedro Fernandes de Minotes com Ana Francisca, a 20-4-1585. Só com estes elementos não consigo provar a ascendência de Catarina Fernandes.

Era gente chã, deste «antre douro e minho» que aos sulcos na terra abria os caminhos do céu. Tudo bem granjeado, os campos bordados de uveiras, Deus a abençoar as colheitas, eles a abençoarem os filhos. Correm anos de pacífica posse, e em 1605, Catarina Fernandes, já viúva, sem nada saber de demandas é por sentença despojada do seu casal.

«*Ella Ree Catarina Fernandes dera e dotara o direito do Casal de Minotes a seu filho Salvador Duarte o qoual tinha casado com Caterina Guonsalves até que falesera o dito seu filho e a esposada tornara a casar com francisco guonsalves e vivião todos no mesmo casal proque provarãa que a dita esposada caterina guonsalves nora della lhe fiquara prenhe do dito primeiro marido e parira hua minina que chamavão maria a quoaal maria por fylha e Erdeira do dito Salvador Duarte hera tyda e avyda*»⁽³⁾. Talvez para compensar o outro filho, Domingos, o que casara para o Casal da Aguça, doara-lhe em escritura de dote os campos de Pocinhos pertença de Minotes. Não seria sabedora que não podia escambar, dividir, vender, trocar sem licença dos padres do Mosteiro? São 12 pesadas folhas que a condenam a abrir mão do seu casal, sentença que lhe pesa na alma, até que «sem manda, nove missas rezadas e hua cantada» morre a 16-2-1632⁽⁴⁾.

«...*nesta casa sobradada co sua cozinha camera e salla e logea della a quoaal casa he telhada He outra casa que serve de cosinha e forno q tera tres bracas colmaça He hua casa de adegua e tera quatro bracas de larguo e quatro de comprado colmaça e hum lagar e porta com seu alpendre hum curral com quoaatro cortes e tudo com duas portas hua ao nascente outra hao poente I hum palheiro*»⁽⁵⁾, o que houve durante estes anos? Tangeu o sino por Domingos Duarte a 15-9-1597⁽⁶⁾; por seu filho Salvador a 20-9-1603⁽⁷⁾. Casara Salvador em 5-2-1602⁽⁸⁾, e sua viúva a 1-11-1603 com Francisco Gonçalves⁽⁹⁾. A 26-4-1604, baptiza-se Maria⁽¹⁰⁾ filha do

(3) Sentença contra Catarina Fernandes, de Minotes. Tomo 2.º dos Livros de Prazos do Convento de São Domingos, (B-17-3-38), fls 168 a 180. Arq. Mun. A. Pimenta.

(4) Misto n.º 1 da freg. de Santa Eulália de Fermentões, fls. 44. Arq. Mun. A. Pimenta.

(5) Emprazamento de 1575.

(6) (7) (8) (9) e (10) Livro misto já citado.



Casa de Minotes

defunto Salvador, tendo sua mãe já lhe dado um padrasto. Dá-lhe também meios irmãos que alegram a sua infância, que imaginamos leve, fresca como as flores do campo, simples como as barulhentas águas do rio Selho. É uma mulher quando a mãe e o padrasto emprazam a quinta, em Junho de 1622⁽¹¹⁾, nomeando nela, Maria Duarte, a terceira vida.

Ao morrer, Catarina Fernandes, tem dois bisnetos. Pequenos, rasteirinhos, os primeiros Martins de Minotes: André e Margarida. Filhos de sua neta Maria Duarte e do marido Manuel Martins, do casal de Senais, Silveses. Receberam-se ali em cima na igreja, a 24-4-1626⁽¹²⁾ e até 1648⁽¹³⁾ vão baptizando os filhos, que, nas suas passadas de crianças, esboçam o destino duma família que começa.

Vemos primeiro o revoar das filhas deste casal a partirem para outros casais: Margarida para o Carvalhal, Penselo⁽¹⁴⁾; Ana com «100 mil reis hum crucifixo de ouro que pesa oito mil reis dous anneis de ouro hua saia de pano e mantilha tudo de milhor»⁽¹⁵⁾ para o Sirgal, Briteiros; Maria para Silveses⁽¹⁶⁾; Jerónima talvez para Deus. Vai André para o comércio, fica Francisco para continuar o casal e Domingos, o mais novo, para a Taipa, Selho, onde casa a 5-1-1671 com Catarina Bernardes⁽¹⁷⁾.

Tanto Manuel Martins como Maria Duarte têm uma velhice feliz. Desde que ela, como legítima herdeira do casal, o emprazou em 4-3-1633⁽¹⁸⁾ ambos trabalharam, semearam,

⁽¹¹⁾ Tomo 3.º dos Livros de Prazos do Convento de São Domingos. Pelas razões já apontadas está este emprazamento quase ilegível.

⁽¹²⁾ e ⁽¹³⁾ Livro misto já citado.

⁽¹⁴⁾ Casou a 2-11-1659 com André Gonçalves, do Carvalhal, Pencelo. Misto n.º 1, já citado.

⁽¹⁵⁾ Dote de Ana Martins, de Minotes, com Francisco Gonçalves, do Casal do Sirgal, St.ª Leocádia de Briteiros. Livro de notas do Tab. António Nogueira do Canto, 27-5-1664. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽¹⁶⁾ Casou a 23-10-1672 com Domingos Vaz, de St.ª Maria de Silveses. Livro misto já referido.

⁽¹⁷⁾ Misto n.º 2 da freg. de S. Lourenço de Riba Selho. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽¹⁸⁾ Prazo que os p.ºs do mosteiro de São D.ºs fizeram a m.ªl miz e sua mulher Maria Duarte do casal de minotes freg. de Santa Olaia de feramontãos. Tomo 5.º dos Livros de Prazos do dito Convento. (B-17-3-41), fls. 100. Arq. Mun. A. Pimenta.

estrumaram a terra a que tanto queriam. Trabalhou também a mão de Deus a árvore de mais uma família, atirando-a por estranhos caminhos, levantando-a do mourejar do chão até onde entendeu na Sua Clarividência.

A 12-7-1671 casa Francisco Martins em S. Lourenço do Selho com Domingas Martins, do Casal das Álens⁽¹⁹⁾. Vivo está ainda o pai, Manuel Martins; fechará os olhos em Minotes a 9-8-1673⁽²⁰⁾. Vem com a noiva o murmúrio que «traz sangue de nação infecta»⁽²¹⁾. Maria, Francisco, António, Domingos, Esperança, João, Antónia e Joana, todos em Minotes nascidos⁽²²⁾, levam nas veias a «fama e rumor» que trouxe o sangue materno. Ela, Domingas Martins, viúva de Domingos Martins, falece a 27-8-1711 dizendo aos filhos que além dos usos da freguesia «que são tres officios de nove lições de des padres lhe mandassem faser mais dous e duas missas no altar de São Pedro de Rates, na cidade de Braga, e eles derão de oferta de corpo presente dous cantaros de vinho, desoito vintens pello pão, novecentos e secenta por dous carneiros, coatro alqueires de covagem»⁽²³⁾. No dia do enterro acompanharam-na «des padres e os padres de são francisquo da villa de Guimarães enterrando-se nesta igreja junto do altar do santo Cristo».

António Martins, seu filho, empraiza Minotes a 25-2-1714⁽²⁴⁾. Encontramos «*humã casa nova que serve como de baranda telhada e forrada e tem porta pero o norte e humã genella para o sul e hum postigo pera o poente*». Bate o sol na casa, na torre e no quarto, esgueira-se pela loja, faísca nas pedras do pátio e nas telhas da cozinha, cortes e varanda velha. Doura

⁽¹⁹⁾ Misto n.º 2 da freg. de S. Lourenço de Riba Selho. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽²⁰⁾ Misto n.º 1 da freg. de Santa Eulália de Fermentões, fls. 61.

⁽²¹⁾ Processo de Familiar de St.º Officio de Domingos Martins da Costa. Maço 46, Dil. 779, 27-9-1763. Torre do Tombo. Diz: «fama que só atinge a descendência de Francisco pois antes do seu casamento já o Domingos tinha saído para a Taipa.»

⁽²²⁾ Nasceram de 1672 a 1691. Misto n.º 1 da freg. de St.ª Eulália de Fermentões.

⁽²³⁾ Mesmo livro, fls. 44 dos óbitos. Domingos Martins faleceu a 8-11-1705.

⁽²⁴⁾ Tomo 10 dos Livros de Prazos do Convento de São Domingos (B-17-3-46), fls. 161 a 172. Arq. Mun. A. Pimenta.

o colmo dos currais, adega, palheiro e alpendre. Expande-se pela eira, lavada e airosa, «*tapada de parede que tem dentro dois asiprestes e seis oliveiras*». Conjunto de telhas e colmos, contornados por uveiras e loureiros, mexidos pelos ventos e refrescados pela chuva. Um a um desaparecem aqui os filhos de Domingos e Domingas Martins. Domingos e Francisco a 19-10-1743 e 18-9-1744. António, senhor do Prazo, a 10-6-1756 ⁽²⁵⁾.

Sete anos viveu António Martins casado com sua mulher Francisca das Neves ⁽²⁶⁾, do Loureiro Velho, e com as irmãs que lhe restavam: Antónia e Joana. Sete anos em que não recebeu o dote prometido pelos sogros e em que fez «*estas casas novas em que vivemos neste casal de minotes menos a primeira salla logo o entrar q essa fizerão minhas irmãs tudo o que ella tem de madeiras e Revestimento de pedra na... e tambem pagarão ellas os carpinteiros e pintor... tambem he das ditas minhas irmãs hum guardaroupa e oratorio e Santos tudo pintado como tambem os pillares de pedra que há por baixo das casas...*» ⁽²⁷⁾. Delas, manas, é também uma escrava preta, um mulato, três juntas de bois e uma égua. Ficam com todo o casal de Minotes: — a parte foreira aos padres de São Domingos e a parte foreira a Pousada; o prazo de Gualtar que António comprou em solteiro, e outro em Silvares. Francisca das Neves, meeira nos adquiridos «*entre-gue do que ouver a receber hira em paz para casa de seus pais.*»

Vai, mas não em paz. Onde os lucros da quinta, enquanto aí viveu? Não levava já bastante na meação do inventário do marido? Tece-se a demanda. Chega ao fim nos tribunais em 26-6-1766, concordando as cunhadas em lhe entregarem 150 mil réis ⁽²⁸⁾. Antónia e Joana são também apoquentadas,

⁽²⁵⁾ Misto n.º 2 da freg. de Santa Eulália de Fermentões. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽²⁶⁾ Receberam-se a 16-6-1743. Livro de Casamentos n.º 1 da freg. de Santa Eulália de Fermentões. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽²⁷⁾ Testamento de António Martins, de Minotes. Livro de notas do Tab. José da Cunha (B-2-6-63), de 8-9-1756, fls. 139 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽²⁸⁾ Transacção e amigável composição de Antónia Martins e sua irmã Joana Martins, de Minotes, com sua cunhada Francisca das Neves, viúva de António Martins. Livro de Notas do Tab. Paulo Mendes Brandão, fls. 75 (B-13-4-23). Arq. Mun. A. Pimenta.

por outra cunhada, a viúva de João, Maria Alvares de Abreu. Reclama ela um conto e trinta e tres mil réis e setecentos e cinquenta réis da entrada do dote de seu marido. Com esta também se compõem a 3-10-1766⁽²⁹⁾.

Sós, as duas solteironas procuram um ramo da mesma árvore para continuar o Casal. Um que esteja florido e verde, não esgalhado e murcho como o delas. Encontram-no na Taipa, em S. Lourenço de Selho, na descendência de Domingos, o mais novo de Manuel Martins e Maria Duarte. Partiram os netos dele para o Brasil. Aí agigantam-se, levados pelos tios maternos, os Costas, do Bouro de Baixo⁽³⁰⁾. Já não é a chuva a comandar os trabalhos, mas sim as guerras, os cercos, a história do mundo que traça o dia a dia desta geração. Cá, só ficou um: Luís Martins da Costa, único elo a seguir a longa cadeia de avós lavradores, pacíficos donos de terras. Casa com sua prima Joana Maria de Araújo⁽³¹⁾, do Carvalhal, Pencêlo, neta paterna de Margarida, a primeira Martins em Minotes nascida.

Ninguém melhor do que eles para não cortar a linha. Ao dote, dado pelos pais, quando do casamento, juntam as parentes velhas de Minotes, para a noiva, o casal com os dois prazos, o Privilégio das Tábuas Vermelhas, e todos os mais bens, reservando apenas, *«para seu morar duas salas da casa nova que ha entre a sala da porta na frente fica para os esposados a metade da logea das ditas casas a cusinha duas cortes a Baranda pegada as casas velhas»* e a metade de todos os frutos das herdades dotadas⁽³²⁾.

(29) Livro de Notas do mesmo Tabelião, fls. 140. Casara João Martins com Maria Alvares de Abreu, do Casal de Lagoas, St.º Adrião de Vizela. S. G.

(30) Eram Gualter da Costa Guimarães, Fam. St.º Officio, casado c. g. e Luís da Costa Guimarães, Fid. da C. R. c. c. g. extinta (ver *Genealogias Vimaranenses*, por Helena Cardoso de Macedo e Menezes e Maria Adelaide Pereira de Moraes). Foram estes que encaminharam os seus sobrinhos da Taipa de Baixo, Gualter Martins da Costa Guimarães, Domingos Martins da Costa e António Martins da Costa, irmãos de Luís Martins da Costa, senhor do Casal de Minotes, e que por sua vez deixaram a fortuna aos filhos deste.

(31) Na igreja de São João de Pencêlo a 8-3-1760.

(32) Dote de casamento de Luís Martins da Costa da freg. de S. Lourenço de sima do selho com Joanna M.ª de Araujo, da freg. de São João

Deles sai o ramo que dará lustre à Casa. O outro apaga-se com a morte de Antónia, a 8-3-1773, e finda com a vida de Joana, a 9-12-1782⁽³³⁾. Não tarda a partir de Minotes, em andas para o Convento de S. Domingos de Guimarães, Luís Martins da Costa⁽³⁴⁾. Deixa oito filhos. Aos rapazes, mandou-os para a Baía. Recortam-se na história desta Casa como sombras poderosas, firmes autênticas.

Escreve, em 1814, o mais velho ao Príncipe Regente⁽³⁵⁾:
«Senhor:

A Vossa Alteza Real representa com a maior humildade e submissão Francisco Martins da Costa Guimarães, Comerciante na Praça da Bahia, em qualidade de universal herdeiro de seu tio Gualter Martins da Costa...» «... e estando as negociações espalhadas em mãos de muitos e diferentes conrespondentes da Europa, grande parte deles tem deixado de remeter as contas da venda dos efeitos postos a sua consignaço, já por se acharem falidos, já por terem por conta da Casa, reexportados esses efeitos para outros portos da Europa, que vindo a fechar-se pelas crises da revolução e guerra...» e sendo-lhe impossível avaliar para impostos a enorme fortuna da Casa, formalisa um balanço que ao futuro Rei apresenta.

Passa a Corte pela Baía, rumo ao Rio de Janeiro. Recebe-a Francisco Martins, esplendorosamente, galhardamente a esse cortejo de um Rei que atravessa um oceano para preservar um Império. Mares que também são sulcados «pelos hiates que Deus salve pelos nomes» de Bizarria, São Gualter, São Domingos Eneas⁽³⁶⁾. Ventos que os desviam das rotas,

de Pensêlo, tr.^o da v.^a de G.^{mos}. Livro de notas do Tab. Domingos Ferreira Mendes, 20-3-1760, fls. 174 v.^o Arq. Mun. A. Pimenta. Além dos bens dotados levou a noiva 600\$000 e o noivo 1200\$000.

⁽³³⁾ Livro n.^o 1 de óbitos da freg. de Santa Eulália de Fermentões. O testamento de Joana Martins encontra-se no Livro n.^o 4 de Testamentos Cerrados, fls. 66. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽³⁴⁾ Morreu Luís Martins da Costa a 28-9-1794, deixando testamento. Livro de Óbitos n.^o 1 de Fermentões.

⁽³⁵⁾ Cópia da Carta de Francisco Martins da Costa Guimarães a S. A. R. o Príncipe Real, Regente do Reino. Arq. Particular da Casa Margaride, do Carmo.

⁽³⁶⁾ Expressão tirada de um conhecimento de carga que tenho encaixilhado. É do hiate Bizarria, de 9-3-1814 assinado por Manuel Mar-

algodões e açúcares transportados do calor do Brasil aos gelos de S. Petersburgo, ilhas que se avistam do alto das gavesas, e a mão segura e por fim trémula de Francisco Martins a dirigir os negócios da Casa.

É Minotes deste homem, segundo o testamento da Mãe. Desde «*que venha residir no Reino de Portugal porque não se verificando sua vinda e acontecendo falecer nos Estados da América, desde já o não hei por nomeado e não se verificará a nomeação ainda quando elle venha ao Reino e se torne a ausentar porquanto ausentando-se ou falecendo na América sempre subsestirá a exclusão deste filho e a substituição em Luiza por ser da minha verdadeira intenção e vontade que os meus bens de raiz não passem a dominio de pessoa que habite fora deste Reino e por este mesmo principio ficam excluidos todos os filhos legitimos ou illegitimos de meus filhos que não forem naturais da Europa*»⁽³⁷⁾.

Volta Francisco para Guimarães. «1826. Junho. Dia 5 — Às 12 horas da noite faleceu Francisco Martins «o Minotes» o qual tinha vindo da Baía, sendo considerado o capitalista mais rico da província, a quem faziam a fortuna de 5 a 6 milhões. (P. L.)»⁽³⁸⁾.

Bem fez a mãe em o chamar. Todos os outros a deixaram⁽³⁹⁾. Só Domingos, frade franciscano, a visita às vezes. Só ele aqui se encontra quando o Juiz de Fora, a instâncias da Morgada de Pousada «*invade o refugio e azilo de sua casa, a cada passo acometida de quadrilhas de officaes e de hu Meirinho insolente*»⁽⁴⁰⁾.

tins Leitão, que julgo ser ainda do Casal de Senais, pois aqueles em que seguiu esse casal usaram esses dois apelidos.

⁽³⁷⁾ Testamento de Joana Maria de Araujo, de 11-8-1806, e codicilo de 26-4-1815. Tab. Nicolau Teixeira de Abreu. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽³⁸⁾ «Velharias Vimaranenses» in-Gil Vicente, n.ºs 5 e 6, 2.ª série, 1926.

⁽³⁹⁾ Foram seus filhos, todos nascidos em Minotes: — A 20-7-1761 Francisco José; a 6-10-1762 António José m. m.; a 19-1-1764 Domingos; a 30-8-1765 Luís António; a 2-3-1767 Joana Maria (livro de Bap. n.º 1 de Fermentões); Felix a?; a 13-10-1772 Jerónimo m. m.; a 23-5-1775 Luísa; a 9-5-1778 José António; a 4-2-1781 Jerónimo. (Livro de Bap. n.º 2 de Fermentões).

⁽⁴⁰⁾ Carta de 12-12-1808 de Francisco Martins da Costa para seu irmão Félix, seguida duma representação ao Principe Regente e duma

Dirige a Casa no Porto, o segundo filho, Luís Martins da Costa. Também solteiro, vai muito á quinta de Aldão, que os tios lhe deixaram. Cego de um olho, espanta-nos ao morrer com sua imensa fortuna, e 15 900 Missas de sufrágios! Pobres agradecidos pelas suas generosidades (29 contos em legados Pios)⁽⁴¹⁾ ouvem-nas recolhidos nas pedras frias de igrejas e capelas.

O terceiro, Félix Martins da Costa, vive em Lisboa. Lá casa e constrói o seu palácio da Francelha. Espalham-se os tons suaves dos frescos pelas salas, colocam-se estátuas nos jardins onde Félix medita na sua agitada vida. Pequeno saiu de Minotes, para a Baía, de onde regressou a Lisboa. Inspector dos cofres e dos dinheiros vindos do Brasil⁽⁴²⁾, nomeado deputado da Comissão sobre Obras Públicas, também ele escreve ao Rei D. João VI. Responde à «... em vista a conservação e progresso dos dous passeios publicos de Lisboa e Campo Grande e por isso deseja a dita Comissão que sobre eles haja de estender os seus cuidados. Não pode a mesma Regencia deixar de lembrar a mesma Comissão o quanto desejaria que ela lhe apresentasse hum plano de se fazer hum Teatro Nacional...» com «Não pode deixar de recorrer a V. Mag.^{de} suplicando-lhe como suplica queira fazer-lhe a graça de o dispensar do dito emprego em atenção ao exposto e estar agora de mais a mais seriamente embaraçado com o preparo e expediente de seus dous navios Aliança e S. Gualter, hum chegado à poucos dias da Baía e outro ainda de Pernambuco...»⁽⁴³⁾.

pública forma do Tab. Nicolau Teixeira de Abreu de 5-12-1808. A queixa principal é motivada por querer o Juiz de Fora aboletar em Minotes mais tropa que nas outras casas do concelho, com que não concordava Joana Maria de Araújo. Arquivo Particular da Casa Margaride, do Carmo.

⁽⁴¹⁾ Testamento cerrado de Luís Martins da Costa, a 7-12-1730, aprovado pelo Tab. Nicolau Teixeira de Abreu. Arq. Part. da Casa Margaride, do Carmo. Além da soma citada deixou a cada preso nas Cadeias do Porto e Guimarães 480 rs. e a cada pobre maior de 40 anos das fregs. de Aldão, Fermentões, Pencelo e Selho 2.400 rs.

⁽⁴²⁾ Portaria de 10-2-1804. Arq. Particular da Casa Margaride, do Carmo.

⁽⁴³⁾ Portaria de 21-3-1821. A resposta é de 26-3-1821. Mesmo arq. Felix Martins da Costa, faleceu em Lisboa s. g. a 6-9-1827.

Vidas que se passam longe de Minotes. A de Jerónimo, senhor da Casa por morte de Francisco, e que esfolha os seus haveres a socorrer pobres e aflitos⁽⁴⁴⁾. A de José, o último sobrevivente, à morte do qual se liquida a casa comercial⁽⁴⁵⁾. Mãos generosas que sacodem a província em dádivas e benefícios. Quem os continua? Joana Maria, a irmã, a única com geração e que casa para a Casa da Ribeira, em S. João de Ponte. Nela frutifica e desabrocha este tronco já esplendoroso e grande.

Quem fica em Minotes? A outra irmã, Luísa Rosa, que no dizer da Mãe *«se conserva no estado de solteira que por sua livre vontade tem escolhido»* e para quem reserva *«hua salla com dous quartos hua loja e hua cozinha»*⁽⁴⁶⁾. A 5-8-1818⁽⁴⁷⁾, com 43 anos feitos, recebe-se na Igreja de Fermentões com Domingos Cardoso de Macedo, Fidalgo da Casa Real, último Capitão Mor de Guimarães. Senhora da Casa de Minotes por morte de todos os irmãos, ei-la com sua touca de rendas e fitas, regendo a família e os bens, subindo o monte para a Missa das Almas, levantando mais um andar em Guimarães na sua casa do Carmo, mandando escravos enterrarem moedas, distribuindo as suas muitas quintas pelos seus cinco sobrinhos⁽⁴⁸⁾. A Tia Luísa Rosa. Na sua fortaleza de mulher feia, poderosa chefe de uma grande família, transmite aos seus os sólidos princípios de força e união familiar, grande alicerce que os movimentou e fez crescer.

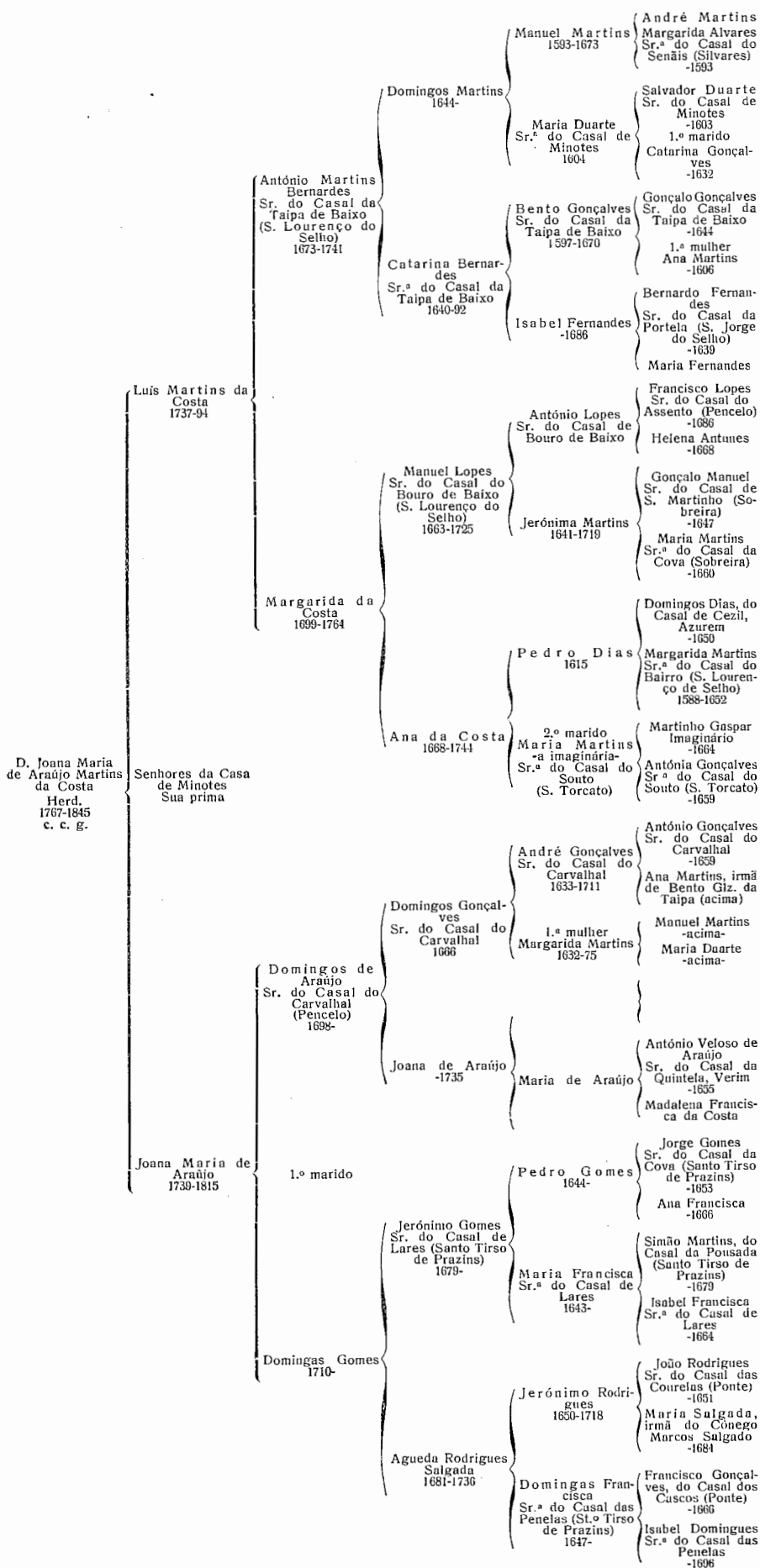
(44) Jerónimo Martins da Costa foi senhor da Casa de Minotes e Presidente da Câmara Municipal de Guimarães. Faleceu repentinamente em Guimarães a 3-5-1838.

(45) José Martins da Costa, faleceu no Porto a 22-1-1816. Por nenhum dos sobrinhos ter ido na ocasião ao Brasil, a fortuna que lá existia ficou para a Santa Casa da Misericórdia da Baía.

(46) Testamento citado na nota 37.

(47) Livro de casamentos da freg. de Fermentões, 1803-74, fls. 36 v.º Conservatória do Registo Civil. Guimarães.

(48) Em seu testamento deixou: a seu sobrinho Francisco Martins da Costa as Q.tas de Aldão e Penouços e os moinhos do Rio Selho na freg. de Aldão, além de todas as casas e prazos na cidade do Porto; a seu sobrinho Luís Martins da Costa, para nomear em um só filho ou filha que quizer com obrigação de no seu sobrenome assinar o nome de Minotes: na freg. de Fermentões as quintas de Minotes, Paço de Baixo, Toris, Lage e Quintãs; na freg. de Pencêlo a de Penegache; na freg. de S. João de



Abre-se ao vento o ramo que floriu na Ribeira. Aliados a grandes casas, bailam os Martins nos salões da época. Maravilhosas jóias são usadas pelas senhoras da família ⁽⁴⁹⁾.

Pertence Minotes a José, o mais velho dos sobrinhos netos ⁽⁵⁰⁾, filho de Luís Martins da Costa, Fidalgo da Casa Real e de sua mulher D. Maria Constança Pinto de Queirós Montenegro, neta materna do 1.º Marquês de Vila Real da Praia, descendente dos Bulhões, família de Santo António.

Ponte as do Paço e Pinardufe; em S. Lourenço de Selho as das Alens; na de Gominhões a Q.^{ta} de Fontelos, na de Lamassais a de Serbais, todas as terras e medidas compradas na cidade de Braga e uma tapada no Monte Sameiro. Para as filhas solteiras de Luís, a Q.^{ta} do Salgado, na freg. de Urgeses; a sua sobrinha D. Joaquina Rosa a Q.^{ta} do Paço, em S.^{ta} Leocádia de Briteiros e na freg. de Santa Eufémia as quintas de Valinbas, Outeiro, Simo de Vila e Pomarinho; na freg. de Corvite, a das Tulhas; a sua sobrinha e cunhada D. Luísa Ludovina toda a herança que lhe deixara o marido, isto é os bens da família Margaride — as Casas do Carmo e do Chantre, em Guimarães; as quintas das Pontes, Bouça, Patos e Carvalheira, na freg. de Brito; a do Chamiço, em S. Pedro de Azurém; a da Taipa de Cima, em S. Lourenço do Selho; e a de Margaride, em S. Romão de Mesãozinho. Directamente a seu cunhado, Henrique Cardoso de Macedo, a da Bouça, na freg. de Corvite, e a do Pombal, em S. Torcato. A sua sobrinha D. Ana Emília, todas as quintas que tinha herdado de seu irmão José, na freg. de S. Torcato, e as casas da Rua de S.^{ta} Luzia, em Guimarães. A 3 filhos desta deixa; a José todas as terras compradas na freg. de S. Torcato, a Francisco a Q.^{ta} da Batoca, em Balazar, e ao João, a Q.^{ta} de Passinhos, em Corvite e dois prazos em S.^{ta} Lucrécia de Louro, Barcelos. Testamento de D. Luísa Rosa de Araújo Martins de 19-1-1854. Arq. Particular da Casa do Carmo (Margaride).

⁽⁴⁹⁾ Num baile dado em Guimarães em Janeiro de 1874, faiscam nas seguintes senhoras: Viscondessa de Margaride, broche de feixe de brilhantes, colar de fulgentes solitários e o belo penteado ornado de brilhantes e pérolas; Viscondessa de Roriz, brincos e broche de brilhantes no penteado; D. Maria José Carneiro Martins, no colo e no penteado fulgiam numerosos e riquíssimos brilhantes; D. Maria da Conceição Pereira de Menezes, brincos e broches de excelentes brilhantes; D. Maria Constança Montenegro Queirós, no colo um riquíssimo colar de brilhantes; D. Delfina Carneiro Martins, ao peito um rico adereço de brilhantes; D. Luísa Martins Paço Vedro, broche, brincos e uma linda flor no penteado tudo de brilhantes. *Jornal Religião e Pátria*, de 10-1-1874. Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.

⁽⁵⁰⁾ O nomeado por seu pai nas quintas de Minotes foi o primogénito, José Martins de Queirós Minotes, nascido em Guimarães, na Casa de S. Bento, a 14-3-1811, e falecido na Casa do Salgueiral, Creixomil, a 16-9-1903.

Primeiro cavaleiro do seu tempo, José Martins de Queirós Minotes, arranca palmas entusiasmadas do próprio Rei, entrando a galope na história desta Casa, à desfilada, nos seus maravilhosos cavalos, magnificamente ensinados. Dizia o Rei D. Luís que como ele não tinha havido outro depois do Marquês de Marialva. Laços e taças cobrem os armários da Casa.

Fidalgo da Casa Real, como seu pai, casa José Minotes com D. Maria da Conceição Pereira da Silva de Sousa e Menezes, senhora do Prazo da Pena, em S. Paio da Pousada, Braga, filha de Damião Pereira da Silva de Sousa de Menezes, Moço-Fidalgo, Juiz de Fora, senhor do Prazo da Pena, e de sua mulher e prima co-irmã, D. Maria do Carmo Pereira Forjaz da Silva e Menezes. Paremos um ponco na árvore de D. Maria da Conceição. Irmãos são os seus dois avôs, da fidalguíssima Casa de Bertlandos, com sangue dos Pereiras, dos senhores da Trofa, dos Viscondes de Asseca, dos Cesares e dos Lancastres. A avó paterna, senhora de casa, é dos Leites do Porto e além dos Senhores da Pena tem costados dos Silveira Pinto da Fonseca e dos Morgados do Arco, em Vila Real. Pela avó materna temos os legendários Pereira Forjaz Coutinho, o 2.º Morgadio de Bertlandos, outra vez os Assecas e a casa dos Biscainhos, em Braga. Imemorial e velha fidalguia, da mais autêntica nobreza de Portugal, ilumina esta linhagem⁽⁵¹⁾.

Passa Minotes para o primogénito de José Martins, Luís Martins Pereira de Menezes (1861-1921) diplomata, moço-fidalgo, comendador da Ordem de Cristo e da Legião de Honra em França. Longe morre, em Tanger, em 31-1-1921, seu último posto. Novinha ainda é sua sobrinha, D. Maria Luísa, filha de seu irmão Damião Martins Pereira de Menezes, oficial do Exército, Governador de Manica, Chefe do Estado Maior de Macau. O tio deixa-lhe Minotes, com usufruto para sua Mãe, D. Constança Vitória de Abreu e Lima, modelo de fidalga minhota, filha também de uma Martins, pois é prima co-irmã de seu marido.

Hoje é Minotes de D. Maria Luísa Martins Pereira de Menezes, casada com seu primo o Dr. Augusto Martins de Queirós Veloso Ferreira, Dig.^{mo} Conservador dos Arquivos e

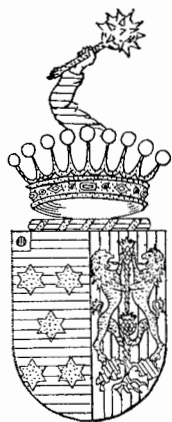
(51) Ver *Costados de Famílias Ilustres*, de Canaes, *Nobiliário* de Felgueiras Gayo, etc., etc.

Bibliotecas do Estado, promovido por mérito a 1.º Conservador do Arquivo Distrital do Porto. Assim corre a árvore deste Casal de Minotes, grande, imensa, carregada de muita descendência⁽⁵²⁾. Desde Catarina Fernandes, em 1579, a despojada deste Casal, até sua 9.ª neta, D. Maria Luísa Martins Pereira de Menezes, em 1967, na apoteose de seus netos, nas virtudes e alegrias das famílias deste «antre douro e minho».

(52) De 4 sobrinhos de D. Luísa Rosa, existia em 1966 a seguinte descendência: De Luís Martins da Costa e sua m.^{er} D. Maria Constança Pinto de Queirós Montenegro, 189; de D. Joaquina Rosa e seu marido Francisco Joaquim de Gouveia Morais Sarmiento, por sua filha Viscondessa de Roriz, 33; de D. Luísa Loduvina e seu marido Henrique Cardoso de Macedo, por seu filho Conde de Margaride, 213; e finalmente de D. Ana Emília e seu marido Francisco José Ribeiro de Abreu, de Agra, 285. Havia portanto 720 pessoas vivas, em 1966, com antepassados próximos da Casa de Minotes.

Casa de Caneiros

I



Às vezes entra o silêncio nas almas. Cobrem-se de recordações. Talvez magoe mexer-lhe. O silêncio da própria carne, do próprio ser, entremeado de risos, de lágrimas, de acções de graças. A vida de cada um. A primeira flor que se descobre, o primeiro bicho a quem se quer, o primeiro muro que se salta. Casa em que cada canto sabe a infância, a dedos lambuzados de marmelada, a tropel de irmãos que crescem juntos, a olhares maravilhados para a vida. Pedras não só imaginadas com arte e beleza, mas também tocadas por mãos queridas, pedras onde se gostaria de morrer, pedras que se sonharam povoar de crianças, pedras que amparam, acolhem, ajudam.

Foi esta casa comprada a 24-5-1917 ⁽¹⁾ por Alberto Cardoso Martins de Menezes Macedo (Margaride) e sua mulher Dona Arminda Adelaide Baptista de Sampayo. Ambos vimezanenses ⁽²⁾, vinculados pelo sangue a tantos casais e casas

⁽¹⁾ Livro n.º 174 do Notário João Joaquim de Oliveira Bastos, pág. 93. Conservatória do Registo Predial, Guimarães.

⁽²⁾ Alberto Cardoso Martins de Menezes Macedo, Oficial de Cavalaria, combatente da guerra 1914-18 onde em Angola comandou o 3.º Esquadrão de Cavalaria 9. Governador Civil do Porto (3-8-1918 a 3-1-1919) Senador, Cav.º da O. Militar de Aviz, Medalha de Mérito Militar e Comportamento Exemplar, etc., ° em Guimarães, na Casa do Carmo, a 8-8-1878 sendo bap. a 15, na capela da mesma Casa, freg. de Nossa Senhora da Oliveira, L.º de Nascimentos dessa freg. 1874-80; Dona Arminda Adelaide Baptista de Sampayo, ° em Guimarães, na Rua da Costa, freg. de S. Sebastião a 20-8-1878 sendo imediatamente bap. por vir morredoura. L.º de Nascimentos da freg. de S. Sebastião. Conservatória do Registo Civil, Guimarães. A árvore genealógica de ambos é a n.º I, Casa da Ribeira, S. João da Ponte, por ser a de seu filho Eng.º João Maria Cardoso de Macedo e Menezes.

do concelho, unidos nele, pela mãe, a velhas e fidalgas cepas de Trás-os-Montes e Beiras, e nela, pela avó paterna, refrescado pelo ar da ribeirinha Lordelo do Ouro, nada tinham com esta Casa. Fizeram-na.

Não as paredes, há muito levantadas, roladas de mão em mão, vendidas, herdadas, revendidas. Fizeram sim a Casa. Ele com a alegria, o entusiasmo, a inteligência, os sonhos que portuguêsmente atravessavam os mares e renasciam em África. Na preocupação de melhorar as vidas dos outros, no esbanjar da sua, no colorido exagero das suas palavras, nos livros e escritos que deixou. Muito com a lealdade de um Oficial que honra Portugal, e que ao morrer coloca a ideia da Pátria muito por cima dos seus ideais políticos, ao querer ser envolvido na Bandeira que na altura incarnasse a sua terra, com toda a sua História e gloriosa epopeia. Ainda hoje esta Casa, assim feita por Ele, é para todos «a casa do Sr. Major».

Ela, mais de mansinho, no dia a dia, lutando pela conservação destas paredes, alindando-as, imaginando o seu jardim de buxo, chamando o Freitinhas⁽³⁾ para desenhar as portas, os tectos, os fogões, a varanda, a acrescentar onde era preciso sem quebrar a harmonia. Aqui fechou os olhos a 16-6-1961, nesta casa onde a vida a matou quando apenas com 29 anos morre seu filho Domingos José⁽⁴⁾; onde na sua solidão de velhinha recordava dias distantes: o marido, a pé, perseguido, caminho de Espanha, vis sequazes de pistola em punho a assaltar-lhes a casa no Porto, a quererem obrigá-la a dizer o seu paradeiro. E olhava este espelho quebrado pelos tiros deles... uma vida de Senhora que conservou, guardou, amou esta Casa.

(3) José Ribeiro de Freitas, vulgo o «Freitinhas», artista vimaranense dos princípios do sec. xx. Com invulgar intuição artística riscava planos para casas, interiores e móveis. Cooperou nas obras de Caneiros, Mosteiro da Costa, etc.

(4) Domingos José Cardoso de Macedo e Menezes, ° no Porto, freg. de Cedofeita, a 4-3-1903 e † na Casa de Caneiros a 28-10-1932. Engenheiro de Máquinas (U. de Gand), eng.º director da Fábrica de Fiação e Tecidos de Campelos e da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Eles, os que a fizeram, já cá não estão. Continuam muito junto de nós, sua filha ⁽⁵⁾, genro e netos. Na Capela casam meus Pais, a 28-12-1927. A Casa hoje é caiada de branco, salta o vinho verde das suas frescas parreiras, ouvem-se alegres latidos, e todos nós, de perto ou longe, aqui vivemos, querendo-a em todos os recantos, na sua graça e verdura minhota.

II

Rolada de mão em mão? vendida? tantas vezes... tentemos agarrar uma ou outra nota que até nós chegue.

(5) É Dona Luísa Adelaide Cardoso de Macedo e Menezes, actual senhora da Casa de Caneiros, ° em Azurém, Guimarães, a 17-2-1902, x como acima se diz na capela da Casa de Caneiros a 28-12-1927 com José Júlio Carvalho Pereira de Moraes, Ministro Plenipotenciário de 2.ª Classe, Medalha de Rio Branco (Brasil) com.ºr da O. do Infante D. Henrique, Oficial da O. de Cristo e do Cedro do Libano, Cav.º da O. de Isabel a Católica, ° na freg. de S. João Baptista, Niteroi, Est.º do Rio (Brasil) a 12-11-1905. C. G. Filho legítimo de Eurico José Pereira de Moraes, Eng.º Civil (U. de Londres), Com.ºr da Ordem de Cristo, e de sua m.ª Dona Maria Augusta Lamego de Carvalho, neto pat. dos 1.ºs Viscondes de Moraes e mat. de Bernardino da Silva Carvalho e de sua m.ª Dona Amélia Sofia de Moraes Lamego.

Para seus Pais mandou construir no Cemitério Paroquial de Fermentões um jazigo onde estão as Armas da Família: — Escudo partido: na 1.ª pala, em campo de prata, um monte verde, e, superior ao monte, um sol de ouro entre nuvens; na 2.ª, em campo de ouro, um ramo de ouro com folhas de louro. Suportes: dois grifos de ouro. Legenda: *Probitas et Labor*. Coroa de Visconde. Foram estas armas concedidas por carta de 8-6-1891 a seu avô pat. José Júlio Pereira de Moraes, 1.º Visconde de Moraes, Fid. Cav. da C. R., Grã Cruz da Ordem de Cristo e do Mérito Industrial etc., etc., que teve o privilégio de usar a Grã Cruz da Ordem da Torre e Espada com que o Governo Português agraciou a Colónia Portuguesa do Brasil na pessoa do seu chefe, o Visconde de Moraes.

A família de José Júlio Carvalho Pereira de Moraes é oriunda de Vilarinho do Tanha, Abaças, Sabrosa, de onde seu 6.º avô na varonia, José Teixeira, veio casar em 1689 a Gouvinhas, no mesmo concelho, onde sua descendência se radicou. O pai da 1.ª Viscondessa de Moraes Dona Etelvina Amélia da Silveira Pinto Pereira de Magalhães, era nat. de Sanfins, Vila da Feira, e a mãe Brasileira, filha de açoriano e neta mat. de brasileiros. Pelo avô mat. José Júlio Carvalho Pereira de Moraes provém de famílias de lavradores do concelho de Vila do Conde, e pela avó mat. da Vila de Fontelo, Lamego, e da Ilha da Madeira, descendendo dos descobridores e primeiros povoadores daquele Arquipélago.

Ao entardecer do dia 5-1-1878 espreitam, à janela da sala, Dona Ana do Carmo Barroso e duas filhas, irmã e sobrinhas do Barão de Almargem. É ela, segundo o testamento deste, senhora da Casa de Caneiros⁽⁶⁾, sendo o usufruto da cunhada, a Baronesa viúva, com obrigação de se manterem juntas. Entra esta apressadamente na Capela. Dona Joaquina Libânia Pinto de Saldanha, Baronesa de Almargem, recebe-se, aos 66 anos⁽⁷⁾, com António Manuel Trigo, médico militar, de 34 anos. Abalam tão estranhos noivos para o Largo do Oliveira onde passam a viver. Aqui ficam, apenas, as melancólicas sombras que o tempo apagou. Até à morte, Dona Ana⁽⁸⁾; e as filhas até morrer Dona Joaquina Libânia, em que recebendo das mãos do viúvo as tornas de dois contos sessenta e oito mil setecentos e oito réis⁽⁹⁾ (tornas que lhes pertencem pelos inventários do Barão e da Baronesa) saiem de Caneiros. Apressa-se o Coronel Trigo, universal herdeiro de sua mulher, a vender a Casa. Compra-a, a 28-7-1890, Matias de Castro Leite⁽¹⁰⁾.

Gostam de ouvir a banda do Sr. Licínio Fernandes de Andrade durante a Santa Missa? Benzem-se as imagens da Capela. É uma Sagrada Família, toucada por chapéus de

(6) Registo do Testamento com que faleceu o Ex.^{mo} Barão de Almargem desta cidade e assistente na casa de Caneiros. L.^o n.^o 32 dos Testamentos Cerrados, pag. 100. Arq. Mun. A. Pimenta.

(7) L.^o dos casamentos da freg. de Santa Eulália de Fermentões 1874-93, pag. 18. Conservatória do Registo Civil, Guimarães. Dona Joaquina Libânia era nat. da freg. de S. Salvador de Roças e f.^a do Doutor João Pinto de Saldanha e de sua m.^{er} D. Raquel Cunha de Saldanha. António Manuel Trigo era nat. da freg. de S. Bartolomeu de Gouvêa e f.^o de Manuel António Trigo e sua m.^{er} Maria do Nascimento.

(8) Faleceu em Caneiros a 22-1-1882. L.^o de óbitos da freg. de Fermentões 1874-90 Conservatória do Registo Civil, Guimarães. Era nat. da freg. de St.^o André de Estremoz e viúva de Bonifácio José Alves, negociante.

(9) Pagas de Dona Ana do Carmo Barroso e sua irmã Dona Maria do Carmo Barroso, da freg. de Fermentões, a favor do Dr. António Manuel Trigo, em 24-12-1888. L.^o n.^o 29 do Notário João Joaquim de Oliveira Bastos, pág. 18. Arq. Mun. A. Pimenta.

(10) L.^o de notas n.^o 31 do mesmo notário, pág. 6. A pág. 21 do mesmo livro vem a remissão do foro, por Matias de Castro Leite, que a Casa de Caneiros pagava à ilustre Família Mota Prego. Arq. Mun. A. Pimenta. Era um foro anual de 388 l. e 6 ml. de pão meado.

três bicos num peregrinar suave de ingénua fé, criada por santeiros para escutarem as preces dos homens, e devagarinho as alçarem a Deus. À noite, terreiro trémulo de luzes, apinhado de gente, prendas a leiloarem-se no «espaçoso largo fronteiro do formoso e confortavel palacete de Caneiros cujo proprietário, o abastado capitalista Sr. Matias de Castro Leite tão generosamente contribuiu para o brilhantismo desta festa»⁽¹¹⁾. (14-8-1891) Não tarda que por falência do dono, de abalada para o Brasil, vá a Casa à praça⁽¹²⁾.

Lá vai a diligência na curva do caminho com a algazarra dos seus guisos. Ergue espessa nuvem de pó. Sacudamos esta poeira que invade o terreiro e tanto incomoda a sua nova proprietária, D. Joaquina Maria Monteiro. Em menos de um mês vende a Casa, saindo, (quem sabe?) nesta mesma mala-posta, de regresso a Braga no remexido das suas cestas e atranquilhos.

Residia também em Braga o novo comprador⁽¹³⁾, António Fernandes do Paço Brazão. Até 1911 é possuidor da Casa e chama os filhos do caseiro de Caneiros (a Zefa e o Jerónimo) para brincarem com os seus. Nesse ano a vende, a 9 de Novembro, nas notas de João Joaquim de Oliveira Bastos. Compram-na Dona Angélica Júlia Marinho Falcão de Castro Morais Moscoso Bacelar (Roris) e sua irmã Dona Ermelinda Rosa, sobrinhas de Martins Sarmiento. Enchem estas senhoras a Casa com seus risinhos nervosos, pintam-na de cor-de-rosa e azul, e ao fim de cinco anos e meio deixam de ser o que por tão pouco tempo foram: donas da Casa de Caneiros, vendendo-a a seus primos, meus queridos Avós.

De mão em mão rolou esta Casa. Como ecoaram nestas paredes as gloriosas campanhas do Barão? Batalhas da

(11) Jornal *O Vimarense* Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.

(12) «... na execução promovida por José da Silva Guimarães Rosas, da freg. de Corvite, contra Matias de Castro Leite, ausente no Império do Brasil, vai Caneiros à praça em 4-10-1903. Arremata-o D. Joaquina Maria Monteiro, solteira, moradora na Rua de St.^a Margarida, em Braga». L.^o n.^o 16 do Notário da Câmara de Braga, António Cândido Vieira Araújo, pág. 38. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga.

(13) Venda a 28-11-1903 por D. Joaquina Maria Monteiro a António Fernandes Paço Brazão, registada a 7-12-1903 mesmo livro da nota 12.

Vitória, de Nive, assalto a San Sebastian, combate de Ponte Ferreira, comenda da Torre e Espada, medalha das Seis Campanhas da Guerra Peninsular e da Honra pela da Vitória, Comenda da Conceição, etc., etc., viveram nelas seguindo a ascensão do modesto capitão de Infantaria, Mariano José Barroso⁽¹⁴⁾, senhor, pelo casamento, da Casa de Caneiros, até ao poderoso Tenente General, Governador Militar da Província do Minho, Barão de Almargem, aqui falecido a 17-5-1860⁽¹⁵⁾.

Caneiros foi mais o palco mexido donde à pressa partia em todas as direcções. Depois do Mindelo, da emigração para Inglaterra, podemos acompanhá-lo através das «Velharias Vimaranenses»⁽¹⁶⁾: «... o Brigadeiro Mariano, debaixo de pálio, conduzindo pelas ruas da vila os retratos de S. M. a Rainha Senhora D. Maria II e seu Augusto Esposo...», e, nesse mesmo ano, «em atenção ao merecimento, provada lealdade e insigne valor com que se houve durante a guerra contra o usurpador», faz-lhe a Rainha mercê do título de Barão. Nomeia-o a Revolução de Setembro General da Província. E em Outubro de 1835 «chega ao Barão de Almargem, que se achava em Caneiros, a notícia de terem fugido de Braga para a Galiza, onde haviam entrado as tropas de D. Carlos, alguns oficiais realistas». No ano seguinte marcha de Braga porque «nesta villa é chegada a noticia de terem sido aclamadas na Barca a Rainha e a Carta de 1826». Dá-se o reencontro do Prado.

Cerca Valença donde se refugia o Barão de Leiria. E por mais uma vez suspeitar da entrada das forças carlistas na Galiza, ronda Melgaço. A riscar o dividido Reino em marchas

(14) Mariano José Barroso de Sousa Garcêz Palha era natural de St.º André de Estremoz, f.º de António dos Santos Barroso, militar e de sua m.ª Maria da Conceição, neto pat. de Teotónio dos Santos Barroso e sua m.ª Maria da Conceição, e neto materno de Alberto dos Santos Barroso e sua m.ª Francisca dos Santos. Para a sua biografia, ver «*Nobreza de Portugal*», vol. II, pág. 130.

(15) L.º de óbitos da freg. de Fermentões 1803-73, pág. 103. Conservatória do Registo Civil, Guimarães.

(16) Todas as passagens entre aspas sobre a vida do Barão, são copiadas da Revista *Gil Vicente* in-«Velharias Vimaranenses», anos de 1935 a 1947.

e reencontros, a fomentar e sufocar rebeliões, passa o Barão estes agitados anos. Pouco pausa em Caneiros ou na sua casa em Guimarães onde «pelas duas horas da tarde entraram os povos de Freitas, Vila Cova, S. Vicente de Passos, Rendufe e outras freguesias, armados de paus e chuços e outros com forcados e espingardas. Entraram pelo Cano e passando pelo Toural em direcção a S. Francisco apresentaram-se ao Barão de Almargem a quem convidaram para acompanhar. Este porem não saiu de casa, só aparecendo aos vidros». Em 1846 «segue para Braga acompanhado do seu Estado Maior e quando passava no alto da Falperra atiraram-lhe tres tiros alguns paisanos armados, não lhe acertando nenhum por terem sido disparados à distancia». No ano seguinte à aclamação de El-Rei Dom Miguel em Guimarães «chega o Barão de Almargem (Junta do Porto) com a força que estava em Braga (80 cavalos e mil homens)». Enfronha-se na luta dos partidos, e nas reviravoltas da política empalidece um pouco a bela figura do bravo tenente que marchava à frente das tropas.

Dos seus dois casamentos não teve o Barão descendência. O primeiro, a 26-2-1819, com a última Paços, senhora desta Casa, Dona Maria Estelita de Paços de Probem e Barros, que o acompanhou na emigração e, a 2-10-1839, «morre nesta villa a Baroneza de Almargem e o marido tambem esteve muito mal por ter tomado uma colher do remédio que o boticário lhe trocara, e a 23 há uma vistoria em Caneiros». Com um dos maiores funerais jamais vistos em Guimarães, ao som das descargas da infantaria, despede-se da vida Dona Maria Estelita deixando o marido herdeiro universal, e à amiga desde menina, Dona Maria da Glória Verney e Silva, o seu fio de 425 pérolas, as medalhas, os alfinetes, os brincos, a flor grande de enfeitar o cabelo, tudo de pérolas e as pequeninas lembranças das mesmas e topázios⁽¹⁷⁾.

Casado em segundas núpcias a 3-5-1855 com Dona Joaquina Libânia Pinto de Saldanha, atirando-nos a alegre nota de um magusto aqui no terreiro «com seis alqueires de cas-

(17) Registo do Testamento com que faleceu a Ex.^{ma} Baronesa de Almargem desta vila. L.^o N.^o 5 dos Testamentos Cerrados, pág. 119 v.^o Arq. Mun. A. Pimenta.

tanhas e danças de 14, 16 e 18 pares»⁽¹⁸⁾ para distrair os sobrinhos vindos do Sul⁽¹⁹⁾, legando a esses e à viúva a fortuna dos Paços, abre o Barão o caminho para a longa série de proprietários da Casa que tentamos destacar do tempo.

III

A história dos Paços, senhores durante cerca de dois séculos da Casa de Caneiros, aparece-me, nos documentos que vi, muito diferente da que reza Felgueiras Gayo no seu *Nobiliário*, e o Abade de Tagilde em seus manuscritos⁽²⁰⁾.

Encontro-os primeiros nas estreitas ruelas de Guimarães seiscentista. Aí vivem pelo menos três filhos de Gonçalo Enes e de sua mulher Maria Gonçalves: na Rua dos Gatos, Francisco Gonçalves de Passos⁽²¹⁾, surrador; na Praça, Gonçalo Fernandes de Passos⁽²²⁾, ourives, e na Rua Sapateira, Domingos de Passos, mercador. Aqui descansaremos. Possui este, ao

(18) Jornal «*A Tesoura de Guimarães*» de 8-12-1858. Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.

(19) Além das filhas de sua irmã D. Ana do Carmo Barroso, teve o Barão mais três sobrinhas herdeiras: D. Maria Estelita e D. Genoveva Barroso, solteiras, e D. Maria Balbina Barroso, mãe de Henrique António Pereira Barroso e de D. Maria Antónia Barroso, moradores em Elvas, que, por a mãe já ter falecido, herdaram, entre outros, os casais da Carreira, em Souto, e o do Outeiro, em S. Miguel do Paraízo.

(20) Ver os papéis manuscritos do Abade de Tagilde sobre as freguesias do Concelho de Guimarães (Fermentões). Biblioteca da Sociedade, e o *Nobiliário das Famílias de Portugal*, de Felgueiras Gayo, Tomo XXII, Paços de Probem, § 47.

(21) Era casado com Maria Ferreira Vaz e † na Rua dos Gatos a 13-11-1644. Foi pai de Maria de Passos, m.^{er} de João Pereira (dote de 8-2-1645 do L.^o de notas 12-3-44 do Arq. Mun. A. Pimenta) f.^o de André Gonçalves e sua m.^{er} Maria Pereira, e que foram pais de Angela e de António Pereira da Cunha † em Fermentões, na sua quinta do Esquerdo, deixando vários legados a seu primo Sebastião de Paços Barbosa.

(22) A pág. 57 do Misto I da freg. de S. Sebastião vem o casamento de Gonçalo Fernandes com Ilena Nogueira, constando nesse assento o nome dos pais. Arq. Mun. A. Pimenta. Certidões dos filhos desse casal só encontrei duas, a de Maria e a de Dâmaso, afilhado de seu tio paterno Domingos de Passos.

casar em 1620⁽²³⁾, «hum conto e quinhentos e vinte mil reis a saber em duas logeas de panos que tem hua nesta villa he outra na villa de Ponte do Lima e em bens moveis e em dinheiro de contado hum conto he duzentos he vinte mil reis he por duas moradas de casas he privilegio das Tabuas Vermelhas he duas casas em Ponte do Lima duzentos mil reis».

É a noiva Mónica Barbosa, viúva de Paulo Francisco⁽²⁴⁾, ourives que foi da Governança da Vila e «se bota neste matrimonio com os bens moveis e de raiz escritos no inventário de seu falecido marido he os tres casais que tem em hum prazo sito em são p.^o fins de ferreira termo he jurisdição do porto». Vejo-lhe nas veias o sangue de um Gonçalo Lopes, de um Pedro Afonso de Amorim, que do granito bruto, a golpes de cinzel, arrancam um chafariz do Carmo, os claustros da Costa e S. Francisco, a Igreja da Misericórdia, rendilhando Guimarães da Beleza que o tempo atravessa. Descendo com os noivos a Rua da Caldeiroa cumprimentamos esta numerosa família de imaginários de pedraria, toda a muito descendência de Gonçalo Lopes, avô materno de Mónica Barbosa⁽²⁵⁾.

Aqui vive Francisca Barbosa, dona, viúva de Pedro Afonso de Amorim, «pedreiro de obra grave», senhora de um Prazo em São Pedro Fins de Ferreira⁽²⁶⁾, e seu filho, o Padre Martim

(23) Dote de D.^{as} de Passos mercador cõ Moniqua Barbosa v.^a que ficou de paullo fran.^{co} da governança desta villa a 30-5-1620. L.^o de notas do Tab. Jerónimo de Barros, pág. 89 do Arq. Mun. A. Pimenta. São testemunhas do noivo seus irmãos e fiadores da noiva seus tios João Lopes de Amorim e m.^{er} Mónica Barbosa.

(24) Casamento celebrado a 27-7-1609. Misto n.^o 1 da freg. de S. Sebastião, pág. 26. Arq. Mun. A. Pimenta.

(25) No Misto n.^o 1 e no Bap. n.^o 1 da freg. de S. Sebastião encontro as seguintes filhas de Gonçalo Lopes: Maria Lopes x. a 27-1-1583 com Manuel Gonçalves, pedreiro, c. g.; Francisca Barbosa x. a 10-12-1590 com Pedro Afonso, pedreiro de obra grave (pais de Mónica ^o na Rua da Caldeiroa, bap. a 4-12-1593) c. g.; e Mónica Barbosa x. a 9-5-1603 com João Lopes c. g. Aparecem também vivendo na mesma rua mas sem constar a filiação: Ana Lopes x. a 4-8-1588 com Pedro Fernandes, Felipa Barbosa x. a 15-2-1591 com Sebastião Alvres e Maria Lopes m.^{er} de Jerónimo Alvres.

(26) Esc. de prazo à face do prazo que faz Francisca Barbosa dona viúva de Pedro Afonso de Amorim da Rua da Caldeiroa a 3-4-1632 a Pantalhão Afonso. L.^o de notas do Tab. João de Abreu, pág. 77. Arq. Mun. A. Pimenta.

Afonso de Amorim, a quem dota «ocasal do Souto grande sito na freg.^a de Santo Estevam de Urgeses em ho quoa he terseira vida ...he por ella dezejar a seu filho martim afonso sacerdote he pera esse he o efeito ser nessessario fazer lhe patrimonio»⁽²⁷⁾; acolá os tios, Mónica Barbosa e marido João Lopes de Amorim, também imaginário e da governança da villa. Traça este, entre outras, as obras do Mosteiro de Pombeiro e o Pátio da Misericórdia. Aqui viverão seus primos, filhos deste casal, o doutor Pedro Barbosa, abade de S. Tiago de Oliveira, António Barbosa que deixa descendência nos Barões de Pombeiro⁽²⁸⁾, Serafina Barbosa, a que casando com João Peixoto de Miranda, Meirinho da Correção, dará a esta família um cônego na Sé de Braga; e todos os outros, tios e primos, os que como a arcaria do Aqueduto construído por Gonçalo Lopes, ruíram silenciosamente no esquecimento.

Mas foi na Rua Sapateira que paramos e é lá que nascem os filhos a Domingos de Passos e a Mónica Barbosa. Maria, Jerónima, Ana, Domingos, de 1623 a 1629⁽²⁹⁾, escapando-nos as certidões de António e Ângela que supomos também nascidos nessa altura. Aí dão «a leira de terra cita no minhoto com seu privilégio da tabuas vermelhas por ter recebido muitas boas obras y amysades para todo o sempre a seu irmão e cunhado Gonçalo frz de passos»⁽³⁰⁾, em 1621; e um ano depois «francísquo glz de passos tozador m.^{or} na Rua de Gatos» dá por fiador a seu irmão e cunhada, Domingos de Passos e Mónica Barbosa, que hipotecam «quatro moradas de casas sobradadas de dous sobrados que tem convem a saber

(27) Doasam de Fr.^{ca} Barbosa a seu filho a 4-2-1625. L.^o de notas do Tab. Joam de Abreu, pág. 134. Arq. Mun. A. Pimenta.

(28) António Barbosa † solteiro mas c. g. Além de outros teve a António Barbosa de Lima, engeitado a 8-10-1640, x. 1.^o a 24-9-1663 (... e perguntando eu ho pai quem era a may me disse senão podia descobrir) com Jerónima Soares, x. 2.^a vez a 6-6-1669 com Maria Bandeira da Costa, senhora da Q.^{ta} da Portelinha em S. Miguel do Paraizo, ascendentes dos Barões de Pombeiro de Riba Vizela.

(29) Misto n.^o 2 da freg. da Oliveira, pág. 45 v.^o, 54, 65 e 83. Arq. Mun. A. Pimenta.

(30) Doaçam que fazem d.^{os} de passos e sua m.^{er} a g.^{lo} frz de passos seu irmam e cunhado, 17-1-1621. Livro de notas 10-1-81 do Arq. Mun. A. Pimenta.

duas a porta de sam domingos e outra em que vivem na Rua Sapateira he outra na villa de Ponte de lima...» (31).

Atravessa os anos a letra firme de Domingos de Passos e de Mónica Barbosa, assinando os vários documentos com que procuramos esboçar-lhes a vida. Ao arrendar «a domingos da costa e azeredo e a sua mulher ana de almeida a quinta de vila boa na freg.^a de S. Pedro de Ribadave por nove anos» (32) à mesma senhora, já viúva «os quatro casais em Gandarela termo de Basto» (33) e a quinta da Cruz Alta em Ribadave por cinco anos «renda posta anualmente em casa de d.^{os} de passos pagando ele annualmente de arrendamento vinte he quatro mil reis em dinheiro». Ao comprar no ano da graça de 1628 a «Briatis Machada filha de margarida pachequa dona viúva mulher que ficou de mateus machado Ricunado o casal da amoroza cito na freg.^a de Santa Eulália de Feramontãos por cantia de secenta mil reis» (34). Aparecem também escrituras de compras de várias medidas de trigo e centeio, e as dos campos da Quintã, em Gonça, e do de Real (35). Emprestam duzentos mil réis a Dom Bartolomeu de Noronha, fidalgo da Casa de Crujeiras (36), e vendem em 1638 as casas da rua de S. Domingos, por eles arrematadas em praça (37).

E Caneiros? Surge «no anno do nacim.^{to} de noso snor Jesus Xp.^{to} de mil he seiscentos he vinte he nove aos doze dias do mez de novembro do dito anno nas pousadas de

(31) Fianssa que da fr.^{co} glz de passos a 10-1-1622. L.^o de notas n.^o 12-3-16e. Arq. Mun. A. Pimenta.

(32) A 26-2-1622, no livro citado na nota 30.

(33) Gandarela a 16-3-1631 (L.^o 10-2-4); Cruz Alta a 18-11-1631 (L.^o 10-2-5). Arq. Mun. A. Pimenta.

(34) A 7-12-1628. L.^o de notas do Tab. António da Costa (12-3-6). Arq. Mun. A. Pimenta.

(35) Compra de D.^{os} de passos m.^{or} na Rua Sapateira a Ana Glz a 15-2-31 (12-3-8); Venda que fazem João Pires e sua m.^{er} de São Miguel de Gonça a D.^{os} de Passos a 11-11-1638, pág. 29 do Tab. António Nogueira do Canto (10-2-12). Arq. Mun. A. Pimenta.

(36) Obrigação q faz Dom Bartolomeu de Noronha a Domingos de Passos em 11-12-1618 (10-2-1). Arq. Mun. A. Pimenta.

(37) Compra que faz Ant.^o Gomes sirg.^{ro} a d.^{os} de passos e sua m.^{er} a 6-8-1638. L.^o de notas do Tab. Bento Lobato da Cruz (12-3-39), pág. 102. Arq. Mun. A. Pimenta.

mim tabeliam pareseo domingos de passos morador na sua quintam de caneiros de junto a esta villa... e bem assi João vaz dos moinhos de Caneiros»⁽³⁸⁾. Por compra, arre-matação em praça, por dívidas que os antigos donos teriam a ele ou a outros, tudo juntamos num feixe. Por falta de documentos, deixamos que cada um puxe a haste que lhe pareça mais viva e colorida.

Tento avivar o esboço da figura de Domingos de Passos, o primeiro que nesta família tem a quinta de Caneiros. Arrenda com outros à Câmara da vila por cinco anos a siza do vinho, trespassa depois parte dela a António de Crasto⁽³⁹⁾; e agora agita-se a Câmara de Guimarães. «... Dom Phelipe por graça de Deus rei de portugal e dos algarves... vi a carta que me escreveste de como paulo da silva e trocato machado da maia vreadores dessa villa nam quizeram fazer nova inleissam de almotaseis... he nam querendo os ditos dous vreadores assistir nella hos prendereis e a fareis com o vriador mais velho he procurador avisandome de como o tendes feito...» Aguardavam resposta Paulo da Silva e Torcato Machado a uma exposição que tinham feito para a Corte, e no intervalo, em cumprimento das ordens reais, é Domingos de Passos «votado» pelo vereador mais velho, seu tio João Lopes de Amorim, para o cargo de Almotacé nos três últimos meses de 1624. Em novembro manda El-Rei, já melhor informado, «... me praz que eles sejam soltos he postos em sua liberdade... he ho não sirva d.^{os} de passos...», e que novas eleições sejam feitas por todos os vereadores, de acordo «com as Leis he provisões q são passadas sobre a calidade q hão de ter os ditos almotaseis». Recorre Domingos à Relação do Porto e apesar de sentença favorável que o manda ser eleito, ouve na vereação de 21-2-1625 a Gonçalo de Masoulas de Castro e a Aires Correia Pimentel dizer «que elles não cumprirão as sentenças he não nomearão d.^{os} de passos percanto não tinha as calidades requeridas he por aver ja providos de almotase

(38) Quitação que da d.^{os} de passos a João vaz, pág. 76. Tab. Mateus de Freitas (10-2-9). Arq. Mun. A. Pimenta.

(39) Trespessão q faz D.^{os} de passos a ant.^o de crasto a 24-12-1624 (12-3-29). Arq. Mun. A. Pimenta.

nesta villa», e a João Barroso Vieira e a Baltazar Ferreira, procurador «que estavam prestes a cumprir a sentença da Relação», sendo o Juiz do mesmo parecer. Presta juramento do cargo a 16 6-1625⁽⁴⁰⁾. Nessa altura, na vereação em que tratam de eleger «hos alferes he sargentos que erão nessessarios he forsozos pera has companhias desta villa...» «é D.^{os} de passos mais votado para servir de sargento»⁽⁴¹⁾.

Depois de uma entrada tão ruidosa na Câmara é ainda vereador dela e Depositário Geral das Rendas das Pontes de Larim em Gestaçô, e de Relas em Vila Meã⁽⁴²⁾. Voltemos à Rua Sapateira. Nela o vemos desaparecer a 7-4-1651⁽⁴³⁾, meses depois de sua mulher Mónica Barbosa⁽⁴⁴⁾.

Maria Barbosa de Passos, primogénita de Domingos de Passos, está só na sua casa da Rua das Molianas, junto ao Hospital de São Roque. Borda uma longa tapeçaria. Os fios roxos das dores de quem perdeu pais, irmãs, de quem em menina vê partir para longe os irmãos, matiza-os com os verdes desmaiados das murchas esperanças de mulher sem filhos, com os riscos vermelhos das fartas terras que se espraíam por Guimarães e Fafe. Casada com João Soares de Barros, ramo desencontrado dos Soares de Albergaria⁽⁴⁵⁾, Capitão-Mor de Montelongo, recebem do Brasil «...sendo vivo seu irmão e cunhado o Capitão Ant.^o de passos ja defunto he assistente he morador nas partes do Brasil he cazado que foi com m.^apereira fizera seu testamento he nele deixara hu legado de cento he sincoenta mil reis p.^a tres suas irmãs m.^{oras} nesta ditta villa q uma dellas era ella m.^a de passos pelas ditas

⁽⁴⁰⁾ Livro das vereações da Câmara de Guimarães (A-5-5-34). Arq. Mun. A. Pimenta. O texto entre aspas é tirado dos seguintes documentos: 88, 110 e 147.

⁽⁴¹⁾ Mesmo livro da nota 40, documento 116.

⁽⁴²⁾ Proc. de D.^{os} de Passos vereador este ano faz a 22-1-1631 a João Lopes de Amorim e outros. (10-2-5). Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽⁴³⁾ Misto n.^o 3 da freg. de Oliveira, pág. 96. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽⁴⁴⁾ Foi a 18-12-1650, mesmo livro da nota 43, pág. 45 v.^o

⁽⁴⁵⁾ Ver o *Nobiliário das Famílias de Portugal*, de Felgueiras Gayo, Tomo VI tit.^o de Barros § 3 N 10. Era f.^o de Manuel Soares do Canto, Capitão Mor de Montelongo e de sua m.^{er} D. Senhorinha Coelho de Barros.



Casa de Caneiros

suas irmas q erão ana de passos Barbosa⁽⁴⁶⁾ he angela de Passos Barbosa⁽⁴⁷⁾ fallecerem donzellas lhe pertencia o dito legado que a dita m.^a pereira avia de entregar aos testamenteiros do dito seu marido pera o remeterem pera este Reino»⁽⁴⁸⁾. Já em 72 tinham vindo de Fafe onde viviam, passar uma procuração para «a Ilha da Madeyra partes do Brasil pera poder cobrar aver arrecadar» todo o legado de António de Passos⁽⁴⁹⁾ e talvez pelas despesas, vendem juntamente com a mana Ana, ainda viva, as casas que tinham na Rua dos Fornos⁽⁵⁰⁾.

Institue D. Maria Barbosa de Passos, uma capela no Convento de S. Domingos em Guimarães⁽⁵¹⁾. Sonha no seu coração com uma criança. Pontos brancos de ternura, fios azuis muito suaves enchem a tapeçaria que borda. Para o Brasil, para os filhos de seu irmão Domingos de Passos Barbosa, voam os seus pensamentos.

(46) † a 23-9-1671 na Rua Nova das Oliveiras, Misto n.º 3 da freg. de S. Sebastião. Arq. Mun. A. Pimenta.

(47) ... moradora que foi de frente da Cruz da Rua Nova das Oliveiras, faleceu a 7-12-1673 em hua sua quinta de caneiros freg. de santa Eulália de Fermentões. Mesmo livro da nota 46.

(48) Quitação que dão João de Barros e sua m.^{er} a m.^a pereira do Brasil a 19-3-1673. (10-2-74). Arq. Mun. A. Pimenta.

(49) Proc. de 31-5-1672. Tab. Bento da Cruz Lobato (10-2-42). Arq. Mun. A. Pimenta. Em 1639 foi constituído em Guimarães um Terço que marchou até Cadiz, cuja história vem contada pelo Coronel Mário Cardoso na *Revista de Guimarães*, vol. comemorativo dos Centenários. Fazia parte do Terço um Capitão António de Passos, mas nada temos que prove ser o mesmo referido no texto. Honve muitas deserções sendo mais tarde alguns indultados com a condição de irem para o Brasil ou «para as Índias de Castela».

(50) Venda de João Soares de Barros e sua m.^{er} e cunhada a Ant.º Peixoto de Miranda a 28-6-1672. Mesmo livro da nota 49. A 20-8 estando todos a viver em Caneiros emprazam umas casas que lhes pertencem no lugar da Bouça, Fermentões.

(51) Diz no «Libro que contem tudo q pertence a Casa de Caneiros de q he hoje Adeministrador João Manuel de Paços de Probem e de Barbosa e sua Mulher D. Franc.^{ca} de Barros de Moraes Teixeira de Arrechela» único manuscrito dos Passos existente no Arq. da Casa de Caneiros, que «pagasse ao Convento de S. D.^{os} desta villa de oferta da Capela que instituiu D. Maria Barbosa de Paços hum quartinho, hum alqueire de trigo e hum almude de vinho».

Caneiros, como tantas vezes na história das casas do Minho, ao Brasil também vai. Deslumbra-se com uma Olinda cheia de brancas igrejas donde ainda sobe o fumo das pilhagens holandesas, carregada de oiro, de pedrarias, de jacarandá, sombreada por largos cajueiros, embalada pela dança dos canaviais, refletida na música das águas. A estas águas onde correm mil peixes e outras tantas jangadas se balouçam chegam não só os fidalgos, os filhos segundos, mas também os comerciantes a sorrirem para o luxo e alianças com as grandes casas. Assim veio também Domingos de Passos Barbosa. Casa com Dona Maria Josefa Madeira, natural da freg.^a do Corpo Santo da Cidade de Olinda. Não é das mais fidalgas e ricas, mas está bem aparentada. É filha do Capitão Amaro Lopes da Madeira e de sua 1.^a mulher Luzia de Aguiar de Oliveira e enteada de Dona Joana, a que depois de enviuvuar casaria com Manuel Cavalcanti de Albuquerque⁽⁵²⁾.

Abre-se o quadro da vida dos Senhores de Engenho. «O perfil da região é o de uma paisagem enobrecida pela capella, pelo cruzeiro, pela casa-grande, pelo cavallo de raça, pelo barco à vela, pela palmeira imperial»⁽⁵³⁾. Entremos nessas casas regorgitantes de escravos, provemos nas ricas baixelas os «bolinhos de raiva, pudim de milho, pão de ló, bolinhos de manteiga, suspiros, queijadinhas de alfenim, tor-

(52) No vol. I da *Nobiliarchia Pernambucana* de Borges da Fonseca o tit.^o de Montenegro começa a pág. 88 com o Capitão Domingos de S. Tiago 1.^o marido c. g. de Luzia de Aguiar de Oliveira, 2.^a vez casada com o Capitão Amaro Lopes da Madeira e irmã inteira de Domingos de Aguiar de Oliveira que no termo de Irmão da Misericórdia de Olinda consta ser filho de Simão Gonçalves de Teive e m.^{er} Luzia de Aguiar de Oliveira nat.^s da Ilha de S. Miguel. Nesse mesmo tit.^o cita os seguintes filhos do Capitão Amaro Lopes e sua m.^{er}: Domingos de Aguiar de Oliveira (mesmo nome que o tio materno) x com sua sobrinha D. Inês Montenegro (f.^a de seu irmão uterino Felipe de S. Tiago de Oliveira) c. g. e D. Inês da Madeira x com seu tio materno o já citado Domingos de Aguiar de Oliveira, c. g. O Capitão Amaro Lopes da Madeira passou depois a 2.^{as} núpcias com D. Joana que enviuvando por sua vez casou com Manuel Cavalcanti de Albuquerque s. g. que vem citado no mesmo tomo a pág. 232. No catálogo genealógico de Jabuatão, a pág. 17 e anteriores, vem os pais e ascendência de Manuel Cavalcanti de Albuquerque.

(53) Copiei as frases entre aspas do livro *Nordeste* de Gilberto Freyre, páginas primorosamente escritas onde vivem e respiram essa região e a sua gente.

tilhas, tapiocas de ovos, pasteis de coalhada, cocadinhas de ovos, laranjas secas, caju secos, limão de calda», aproveitemos a hospitalidade desse «Nordeste oleoso onde noite de lua parece escorrer um óleo gordo das coisas e pessoas». Pelas plantações de cana, pelo capim tão alto, corre Sebastião, um dos filhos de Domingos de Passos e de Dona Maria Josefa Madeira, nascido também em Olinda, na freg.^a de S. Pedro Gonçalves⁽⁵⁴⁾. Em bonitos cavalos, em redes, nos airosos carros, vêm dizer o seu adeus ao sinhôzinho que parte para o Reino distante, os inúmeros parentes e contra parentes, essa mistura altiva dos grandes fidalgos de Portugal com as belas filhas dos caciques índios, nomes ilustres que em Olinda e Recife continuam iluminados por claros olhos holandeses. E lá vem Sebastião de Paços Barbosa, para Caneiros.

Estala a alegria no coração de D. Maria de Passos Barbosa. Toda ela se revê neste menino que vem de tão longe, naturalmente protegido por muitas medalhas dos santos da sua Olinda natal e pelos amuletos das lacrimosas mães-pretas. «Nesta freguesia morre o Capitão João Soares de Barros e suposto não era freguês desta dita igreja se lhe administrarão por necessidade e caridade todos os sacramentos... e por seu testamenteiro Sebastiam de passos Barbosa»⁽⁵⁵⁾ e logo Maria de Passos doa ao sobrinho o casal da Tapada, freguesia de S. Martinho de Quinchães, reservando uns alqueires de pão para seu cunhado José Soares de Barros, e todos os mais casais que tem no concelho de Fafe⁽⁵⁶⁾. Em Caneiros, juntos vivem tia e sobrinho.

Passa-lhe ela procuração para «q possa fazer Reconhecim.^{tos} aseitar prazos metendoce ella cons.^{te} em pr.^a vida e elle em seg.^{da} as peçoas que lhe parecer e prazos a face dos seus despedindo hus cazeiros e pondo outros e cobrar e Receber delles as Rendas e tudo o q ella fizera se presente

(54) Habilitação para Cavaleiro da Ordem de Cristo de António Joaquim de Passos de Probem e Barbosa. 1-6-1761. Letra A, maço 11 n.º 4. Torre do Tombo.

(55) Mesmo livro que a nota 46.

(56) Doação de 18-10-1636. Feita em Caneiros, pág. 135 v.º do livro de notas 10-2-74. Arq. Mun. A. Pimenta.

fora asinando em seu nome prazos e Escrituras... »⁽⁵⁷⁾ e ele então empraza o casal de Francelos, na vila do Prado⁽⁵⁸⁾, e a 15-5-1699 o terço do casal de Penassol, em Fermentões⁽⁵⁹⁾.

Com grande alegria o Lic. João Machado de Miranda «advogado nos auditórios da vila de Guimaraens», depois de tentar tirar informações do Brasil, entrega sua filha Jerónima a Sebastião de Paços Barbosa. Dez foram os filhos do Licenciado e de sua mulher Isabel de Oliveira Mendes, senhora de «segunda condição»⁽⁶⁰⁾: Francisco Machado de Miranda vive no Toural, Angélica e Isabel legam-nos sòmente a certidão de baptismo, aos outros encontrámos-los todos à mesa, em Caneiros, frente à canja amarelinha e fumegante. Apressadas Graças a Deus são ditas pelos Rev.^{dos} Felix Machado Leborão e José Machado de Miranda, Abade de S. Jorge de Abadim, em Cabeceiras. Desvelam-se com os sobrinhos as que ainda estão vivas e solteiras, Joana Maria de Almeida Leborão, Mariana Machado de Miranda, Teresa Machado de Miranda e Ana Maria, a que no testamento deixa além das terras de Vermoim e Souto «hum gomil grande de prata por ser peça de muita estimação he valor».

Vemos também num canto da mesa a Catarina do Sacramento «filha natural do Padre Feliz Machado... a qual indo a quinta de Caneiros freg.^a de Fermentões nela lhe deu hum mal do que morreo»⁽⁶¹⁾ a quem a tia Ana deixa «huns brincos de aljofras Hum Relicario de ouro com trez pendentes hum anel de ouro de laçada com huma pedra branca ao meio trez pares de betoins de ouro dois pucarinhos pequenos de prata duas colheres he seis garfos de prata dos antigos he duas

⁽⁵⁷⁾ Proc. de Maria Barbosa de Passos dona viúva a 26-4-1699. L.^o do Tab. Brás Lopes pág. 86. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽⁵⁸⁾ Prazo que faz o Convento de S. Domingos a 11-5-1699. L.^o 11 dos Domínios do Convento de S. Domingos. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽⁵⁹⁾ A 15-5-1699 no mesmo livro da nota 58. A 29-7-1680 João Soares de Barros Infansão da Governança e m.^{er} arrendam uma leira de Penassol que lhes pertencia. Tab. Jorge Lobato da Cruz (10-2-56).

⁽⁶⁰⁾ Nota 54.

⁽⁶¹⁾ Livro de Óbitos n.^o 2 da freg. de S. Sebastião. Arq. Mun. A. Pimenta. Fal. a 23-7-1768.

facas também com lavor de prata também dos antigos» ⁽⁶²⁾. Troa a voz de Sebastião de Paços Barbosa, sentado à cabeceira da mesa. Chama os filhos que ora em Caneiros ou nas Molianas lhe vão nascendo: — José Antó...nio! Maria...na! Francisco Jose...é! Isabel Mari...a! João Manue...el! Maria Dorot...êa! António Joa...quim! Manuel Antó...nio! Inês Jacinta! Correm todos alvoraçados.

«Aos honze dias do mez de Junho de mil e setecentos e cincoenta e dois faleceo com os sacramentos excelo o deuquaristia por a doenssa não dar lugar Sebastiam de Paços Barbosa da quinta de Caneyros desta freguesia em os doze dias do dito mez foi sepultado em a Misericordia da villa de Guimaraens...» ⁽⁶³⁾ Catorze anos depois junta-se-lhe sua viúva D. Jerónima Machado de Miranda, falecida na casa das Lajes do Toural, herdada dos pais e irmãos ⁽⁶⁴⁾.

Salpicando a história dos Passos de água benta e canto-chão, Francisco José, João Manuel e Manuel António entram cada qual para o seu convento «hum Franciscano hum Graciano hum Domenico he mestre de...» enfeitam as habilitações para a Ordem de Cristo do quarto irmão: António Joaquim de Paços de Proven e Barbosa, o primeiro que encontro a usar o apelido Proben. Das filhas de Sebastião a última a deixar este mundo é Dona Inês Jacinta de Passos e Lima, a 12-8-1802, na Rua da Fonte Nova. Na casa das Lajes do Toural desaparecem Dona Maria Dorotêa de Passos, a 19-11-1773, e José António de Passos a 12-8-1739 ⁽⁶⁵⁾. Esvoaça mais uma geração dos Passos de Caneiros.

⁽⁶²⁾ Test.^o de Ana Machada solteira † a 20-5-1763 no Toural. Mesmo livro da nota 61.

⁽⁶³⁾ Livro de Óbitos n.^o 1 da freg. de Santa Eulália de Fermentões, pág. 4. Arq. Mun. A. Pimenta. Os nascimentos de seus filhos: José António a 11-5-1707, Mariana a 3-10-1709 vem no Misto n.^o 1 de Fermentões; Francisco a 21-10-1711, Isabel Maria a 11-11-1712 e António Joaquim a 26-11-1724 no Mis. n.^o 2 de Fermentões, Manuel António a 5-6-1725 e de Inéz Jacinta a 17-7-1726 no Misto n.^o 3 de Fermentões, todos nascidos em Caneiros. Na Rua das Molianas nasceram a 27-12-1716 João Manuel, a 8-2-1718 Manuel António (outro) e a 26-3-1719 Maria Dorotea. Nasc. n.^o 5 e 6 da freg. de S. Sebastião. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽⁶⁴⁾ Livro de Óbitos n.^o 2 da freg. de S. Sebastião. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽⁶⁵⁾ Livro de Óbitos n.^o 3 e n.^o 1 da freg. de S. Sebastião. Arq. Mun. A. Pimenta.

Agora tudo é movimento, poeirada, cor. António Joaquim de Paços de Probem e Barbosa, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, pensa em modificar e aumentar a casa onde nasceu e vive. Desde 25-2-1752 está casado com Dona Joana Joaquina Baptista Pereira Vaz Veloso⁽⁶⁶⁾, de uma família cuja opulência permite às filhas dourarem brações das boas Casas, mas que à árvore dos Passos só aumenta o sussurro dos ofícios mecânicos de seus avós.

Levantam ambos estas paredes. « Pedem e obtem licença a 20-8-1770 para construir uma capela na sua referida quinta com porta pública na estrada que vai de Guimarães a Braga »⁽⁶⁷⁾. Inspirada talvez pelo gosto daqueles longínquos avós que rechearam Guimarães de lindas obras, António Joaquim de Paços começa a dirigir a construção da sua Casa. Ondula levemente o granito ao redor das janelas de cima, rasga-o simples nas de baixo, estremece-o no passadiço, assenta-lhe as varandas em cachorros, levanta-o no muro em vasos trabalhados, e põe-no na capela a chorar devagarinho. Esquartela na fachada as armas que usa: Paços de Probem, Limas, Barbosas e Machados⁽⁶⁸⁾. Em fita de granito grava a divisa « Credo In Unum Deum Patrem ».

Só três dos seus filhos chegam à maioridade. O do meio, José Raimundo de Paços de Probem e Barbosa, nascido em Caneiros a 7-1-1772⁽⁶⁹⁾, « he assistido no que lhe for preciso em Coimbra athe se formar com toda a despeza para a sua formatura e jornadas », e por falecimento dos pais receberá « emquouanto vivo for annoalmente trezentos mil reis em dinheiro em dous pagamentos pello São João e pello Natal, mas se chegar a ter Beneficio ou lugar de vara não receberá... » Desembargador da Relação do Porto é a 28-11-1827

⁽⁶⁶⁾ Receberam-se na Igreja de Santa Eulália de Fermentões. Misto n.º 3 de Fermentões. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽⁶⁷⁾ Caderno n.º 3 dos Manuscritos do Cónego P. Lopes. Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.

⁽⁶⁸⁾ Quando Alberto Cardoso Martins de Meneses de Macedo comprou a casa estavam as armas já picadas, só se conservando a divisa. Pôs-lhe estão o brasão de sua família, já descrito na nota 26 referente ao Casal da Ribeira, S. João de Ponte.

⁽⁶⁹⁾ Livro de Bap. da freg. de Fermentões 1768-1802. Arq. Mun. A. Pimenta.

promovido para a Casa da Suplicação⁽⁷⁰⁾. Solteiro fica, vivendo com o irmão em Caneiros ou na casa que têm no Arco de São Francisco. Aí desgarrá a nota trágica morrendo «com o sacramento da estremação e não recebeu os mais por estar demente» a 8-11-1835⁽⁷¹⁾.

Com a filha Dona Maria Jerónima de Paços de Probem (nascida em Caneiros a 1-11-1766) a música é suave e monótona. Casada em 1795⁽⁷²⁾ com Manuel Joaquim Coelho da Costa Vasconcelos e Maia, Lente de Vespóra na Universidade de Coimbra, senhor da Casa do Porto em Amares, três anos depois, a 11-4-1798, deixa o mundo. Só lhe fica uma filha, Dona Maria Adelaide Coelho de Araújo Abreu e Vasconcelos Maia. Casa esta a 4-9-1826 com Filipe de Abreu e Lima, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, filho segundo da Casa do Outeiro, em Ponte do Lima, e pequeninas morrem suas filhas, Dona Maria Delfina e Dona Luísa,⁽⁷³⁾ não chegando a florir este ramo que o vendaval da morte corta.

Só segue a geração pelo filho primogénito «o Illustrissimo João Manuel de Paços de Probem e Barbosa» (nasceu em Caneiros a 22-1-1765) que no mesmo ano que a irmã casa com a «Preclarissima Dona Francisca Matildes de Barros Teixeira de Arrochela e Almada, recolhida no Convento do Carmo, filha dos Preclarissimos Francisco de Barros Moraes Araújo Teixeira Homem, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Fidalgo da Casa Real, Marechal de Campo do Exército de Sua Magestade e de sua defunta mulher Dona Luisa Joaquina de Arrochela Almada e Castro»⁽⁷⁴⁾, neta paterna de João de Barros Pereira do Lago, Tenente Coronel de Cavalaria, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo e de sua mulher Dona Jerónima de Moraes, neta materna de Heitor de Arrochela Leborão,

⁽⁷⁰⁾ Revista *Gil Vicente* in-«Velharias Vimaranenses», 1927.

⁽⁷¹⁾ Livro de Óbitos n.º 3 da freg. de S. Sebastião. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽⁷²⁾ Dote a 25-7-1795 na Casa do Arco de S. Francisco. Livro de notas n.º 11-1-29. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽⁷³⁾ Ver *Últimas Gerações* de José Sousa Machado, Costado 124, casa de Prozêllo, Ponte do Porto, Amares e *Costados de Famílias Ilustres* de Barbosa Canaes, Tomo II, pág. 124.

⁽⁷⁴⁾ Dote de casamento de 12-8-1795. Tab. Nicolau António Pereira (17-3-1) pág. 12. Arq. Mun. A. Pimenta.

senhor do Morgado da Arrochela e de sua mulher Dona Bernarda Maria de Castro Morais e Tavora.

Notas alegres e frescas, ouve o «Fidalgo de Caneiros», dos dourados carros de pão a saírem das suas propriedades. De Caneiros, da Ribeirinha, da Várzea e de Lemos, em Fermentões. Das duas Torres e da Breia, em St.^a Maria do Souto. Do Outeiro, em S. Miguel do Paraizo. Do Penedo, da Carreira, de S. Pedro, do Assento, da Azenha, do Soutelo, da Felgueira, em S. Salvador do Souto. Das duas quintas do Assento em Matamá e Silvares. Todas em cada ano lhe enchem os celeiros do cheiro quente do pão e dos frutos. Foros chegam de S. Pedro Fins de Ferreira. Das casas de S. Francisco, das Lajes do Toural, da Rua Nova, de Soalhães, sai o borbo-rinho dos criados e feitores. Até em Lisboa há «huas casas e armazens q são de Morgado q andam arrendadas» (75).

Aquece o sol, e ei-lo em Caneiros; o resto do ano passa-o João Manuel com a família na vila: lá lhe morre a filha solteira, Dona Luísa, a 7-11-1821 (76), lá é nomeado para a Comissão das Cadeiras Públicas a 17-9-1826 (77), de lá, finalmente, estas duas notícias; a do livro paroquial «a 3-9-1730 só ungido por não poder receber os mais sacramentos sepultado no mesmo dia por não poder esperar mais tempo» (78); a do pitoresco cronista «Morreu João Manuel de Passos «Provem» Caneiros, proprietário e morador no Terreiro de São Francisco. O seu funeral foi o mais simples que pode haver sendo até sepultado de casaca». (79)

E aos Passos que conhecemos nas ruelas de Guimarães seiscentista ainda vemos brilhar a luz da grandeza com a única filha legítima que deixa João Manuel de Paços: Dona Maria Estelita, Baronesa de Almargem pelo seu casamento e que sem descendência em breve se apaga.

Para os continuar seguiríamos a geração de «Dona Maria Antónia de Freitas Mello e Castro, reconhecida por

(75) Ver nota 51.

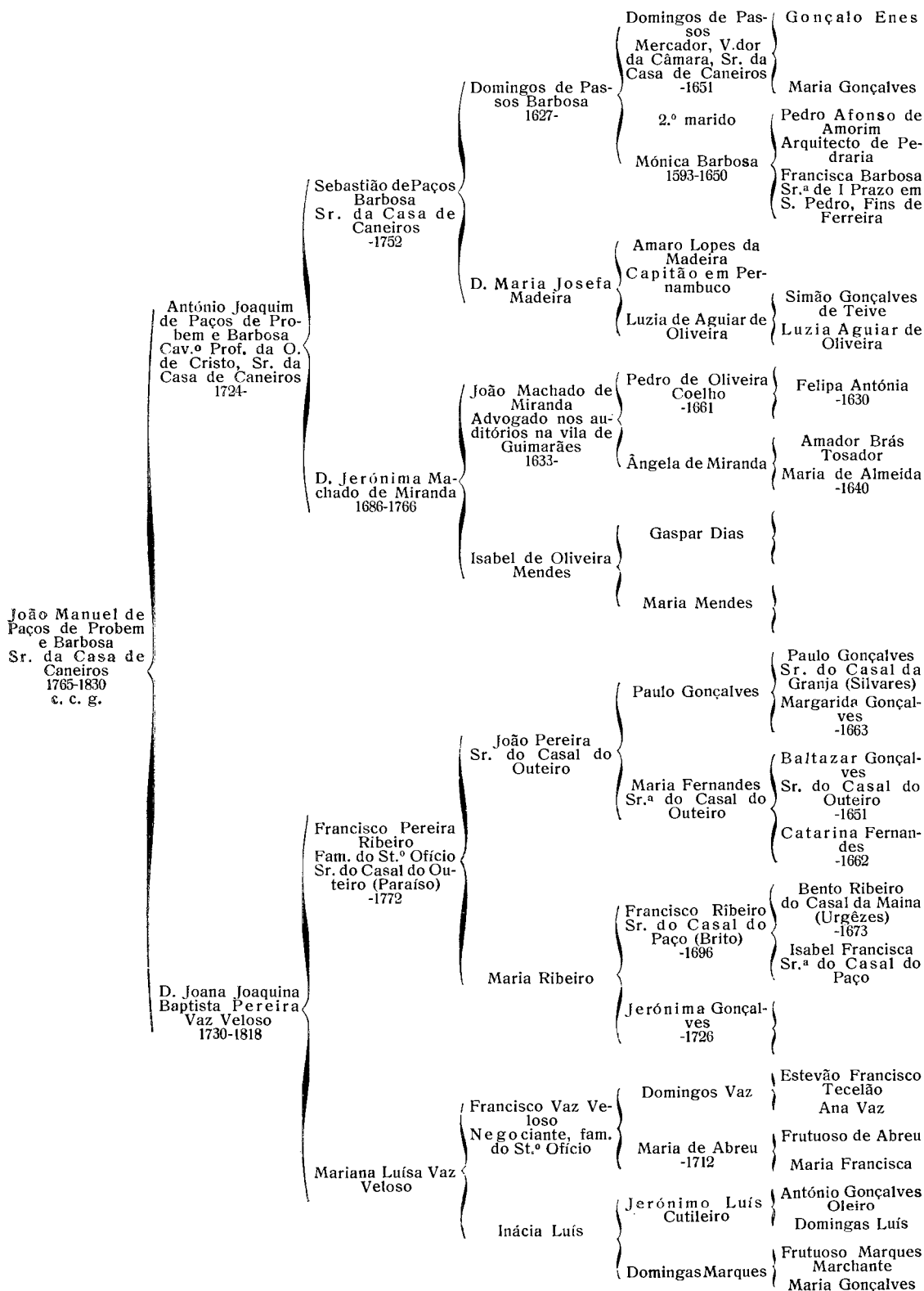
(76) Livro de Óbitos n.º 3 da freg. de S. Sebastião. Arq. Mun. A. Pimenta.

(77) Revista *Gil Vicente* in-«Velharias Vimaraneses», 1926.

(78) Ver nota 71. O testamento está no L.º 74 dos Testamentos Cerrados ano 1830. Arq. Mun. A. Pimenta.

(79) Rev. *Gil Vicente* in-«Velharias Vimaraneses», VII vol. n.º 3 e 4.

CASA DE CANEIROS



seu pai João de Passos e Prohem Barbosa, m.^{or} que foi na sua casa do Terreiro de S. Francisco igualmente reconhecida por sua mãe Dona Ana de Freitas de Mello e Castro, m.^{ora} em S. Damazo...»⁽⁸⁰⁾ Mas, com a morte, em 1839, da Baronesa de Almargem, ao sair, ao cabo de seis gerações, esta Casa da família, largamos à paz de Deus e da eternidade, os Passos, senhores da Casa de Caneiros.

IV

Precisava que a água me lavasse as palavras, que as flores as colorissem e Deus as abençoasse. Quero que o alegre perfume dos laranjais de Sevilha me levantem da poeira do tempo a figura de Diogo Afonso Caneiros, primeiro senhor que conheço destas terras.

Fins de quinhentos. Geme Portugal sob o peso dos Reis Filipes. Logo no princípio dos livros paroquiais de Fermentões encontro os baptizados dos filhos mais novos: Helena, em 1584, Jorge, em 1587⁽⁸¹⁾. Aparece-nos depois «Dy.^o a^o Caneyros cavalleiro fidalguo m.^{or} na sua quyntãa de caneyros de junto a esta villa» a receber como doação de Francisco Fernandes, de St.^o Estevão de Briteiros, as herdades de Gouvães e muitas terras e uveiras todas nessa freguesia⁽⁸²⁾.

Maria de Aguiar, uma de suas filhas, é madrinha de João Guimarães Golias, futuro embaixador de Dom João IV⁽⁸³⁾, e em pontos dispersos, com os quais não formamos um todo, entrevemos as suas relações de parentesco ou amizade com os Sodrés, os Golias e os Vaz. Começam a casar as filhas. Maria de Aguiar, a 23-1-1605, com Gaspar Francisco Esteves⁽⁸⁴⁾ dotada com «cento he outenta mil reys em dynheiro de con-

(80) Casamento de D. Maria Antónia de Freitas Melo e Castro com Pedro de Sousa Guedes Aguiar a 17-8-1843. Livro de Casamentos da Freg. de S. Sebastião n.^o 3, pág. 155 v.^o Arq. Mun. A. Pimenta. Foram os pais de D. Maria da Madre de Deus Aguiar e Freitas casada com Francisco Martins Sarmiento, glorioso sábio vimaranense.

(81) Misto n.^o 1 da freg. de Santa Eulália de Fermentões.

(82) Doaçam q fez fr.^{co} frz a dy.^o a^o caneyros a 23-3-1599. L.^o de notas do Tab. Joam Bertoles (10-1-28). Arq. Mun. A. Pimenta.

(83) Nota 81.

(84) Misto n.^o 1 de Fermentões.

tado... hum colcham dous cobertores brancos novos de marca mayor he quoaatro lançõis he dous travesseiros he duas almofadas enfronhadas he a esposada vestida de hum vestido de tafetta... perfeito e acabado he todos os mays vestidos que a esposada tem de vestir he de atoucar...»⁽⁸⁵⁾.

Sopram com mais força os ventos de Sevilha. Em 6-8-1608, devendo dinheiro a Marta Vaz,⁽⁸⁶⁾ faz-lhe ela uma penhora mas fica satisfeita «com que ele seja obrigado a pagar metade com dynheyro que vem de Castella... lhe pague de sua casa he fazenda... de tudo que elle receber de Sevilha...»⁽⁸⁷⁾.

Diogo Afonso e mulher, Luísa Fernandes, mandam o único varão que têm «Jorge Pereira Caneiros pera a sidade de Sevilha pera q aseitara hum conserto he transação antre elles dioguo afonso caneyros he os officiais he confrades do ospital de são bernardo sito na dita sidade de Sevilha sobre as propriedades que la pessuem q he emprazadas... ao pai delle Diogo Afonso». Tendo feito nesse prazo bemfeitorias no valor de dois mil e quatrocentos ducados castelhanos, não aceitando o ajuste que faz o filho «por o dito seu filho ser menor he não eitender de... he aseitar contente sem se aconselhar...» sentindo-se «muito lesos he enganados reclamam desde as suas pousadas de Caneiros junto a ponte do Rio Selho», donde Diogo Afonso «esta enfermo e entrevado sem se poder levantar de sua cama ha muito tempo», a escri-

⁽⁸⁵⁾ Dote de 11-1-1605 nas notas do Tab. Adrião Sampaio, pág. 113 v.º (12-2-67). Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽⁸⁶⁾ Marta Vaz é uma dona viúva de Francisco de Paços que vivia na Rua dos Gatos e aí † em 1608 (não confundir com Francisco Glz de Passos, m.ºr na mesma Rua e irmão de D.ºs de Passos). Em 1630 dõa a um sobrinho de seu marido, António de Paços, umas casas na Rua de S. Domingos. Era também tia de Maria de Mesquita, m.ºr de Gaspar de Freitas e filha de sua irmã Catarina Vaz e seu marido Miguel Sobrinho de Mesquita, e do Cónego Pedro de Mesquita e de Francisca de Mesquita, m.ºr do Lic. Luís de Sousa (pais dos Cónegos António de Mesquita de Sousa e João de Sousa de Mesquita), filhos da mesma sua irmã e cunhado. É também tia de Margarida Vaz, m.ºr do Lic. Pero Francisco Soares, padrinho de Jorge Pereira Caneiros.

⁽⁸⁷⁾ Quitação q da Marta Vaz a Diogo Afonso Caneiros e obrig. ao que lhe faz Gazpar Fran.ºo a 2-9-1608. Tab. António Dias, pág. 14 (10-1-70). Arq. Mun. A. Pimenta.

tura⁽⁸⁸⁾. Perde Jorge Pereira Caneiros a carta de empraçamento, e o Pai, «entrevado... não podia satisfazer as obrigações do dito prazo... co rezão de sua defeisão em dita enfermidade», retifica a escritura pelo filho feita em Sévilha, a 8-8-1609, nas notas do Escrivão Público Francisco dos Rios⁽⁸⁹⁾.

Atormentado pelas dívidas, vende a Joana Luís dois casais que tem em Fermentões: Paredes e o terço do Casal de Penassol⁽⁹⁰⁾. Mais filhas lhe saem do lar: Isabel da Fonseca, a 29-11-1610, com Francisco Fernandes; Margarida da Fonseca, a 26-10-1612, com António Pereira, lavrador do Casal da Pereira, também de Fermentões⁽⁹¹⁾. Filipa para o céu, a 8-1-1615, «mandando o pai dizer oito missas e dando de offerta duas pescadas hu almude de v.º he dez paes de 100 rs.»⁽⁹²⁾.

Para Sevilha seguem procurações para arrendarem «as casas... hum forno de cozer pam he hum currale de visinhos»⁽⁹³⁾ e depois Diogo Afonso Caneiros, cuja letra bem desenhada acompanha todos estes documentos, Procurador da Câmara de Guimarães,⁽⁹⁴⁾ morre com testamento, a 16-10-1616, deixando «a sua mulher por erdeyra e testamenteira e ao dia da sua enterração se disserão nesta Igreja de Santa Ovaia por sua alma des missas com hu off.º de nove liçoens derão de obrada dous taboleiros de paens moletes de

(88) Reclamação q fizerão dioguo a.º e sua mulher a 22-9-1609 na Q.ª de Caneiros. Livro de notas do Tab. Ant.º Dias, pág. 277 v.º (10-1-70). Arq. Mun. A. Pimenta.

(89) Reteficação que faz D.º Afonso caneiros a hua escretura em Caneiros a 13-10-1609.

(90) Escritura que fazem joana luis a Dioguo afonso caneiros a 23-12-1614. Tab. Francisco Peixoto de Carvalho, pág. 141. Arq. Mun. A. Pimenta.

(91) Misto n.º 1 de Fermentões.

(92) Nota 91.

(93) Quitação que da Dioguo afonso Caneiros a bartolomeu dias da silva da cidade de Sevilha a 7-8-1614. Tab. Francisco Peixoto de Carvalho, pág. 98. Há também uma proc. de Diogo Afonso para o mesmo, a 21-3-1612, no L.º 10-1-74e. Arq. Mun. A. Pimenta.

(94) Catálogo dos Juizes e Vereadores de Guimarães ordenado pelo Abade de Tagilde. Vem como Procurador no ano de 1587.

desasseis rs des paens en cada taboleyro e dous carneiros e dous cantaros grandes de vinho...»⁽⁹⁵⁾.

Sua viúva, Luísa Fernandes, moradora nos Caneiros, envia, a 3-11-1617, procuração «pera domingos antunes q arrecade todas as dividas q se lhe devem na sidade de sevilha das rendas das casas q estam na calle ancha de sam v.^{cte} da dita sidade»⁽⁹⁶⁾. Insistem Luísa Fernandes e suas filhas Susana, Ana, Helena da Fonseca «moças donzellas he mayores que disserão ser de vinte he sinco annos», Maria de Aguiar, Marta de Aguiar, Isabel da Fonseca, Margarida da Fonseca e seus maridos Gaspar Francisco Esteves, João Vaz, Francisco Fernandes e António Pereira com seu filho, irmão e cunhado, Jorge Pereira Caneiros, casado e vivendo em Sevilha, para lá cobrar tudo quanto se lhes deve⁽⁹⁷⁾. Pedem mais uma vez aos herdeiros de Bartolomeu da Silva para lhes mandarem as contas e dinheiros que lhes são devidos⁽⁹⁸⁾, nas margens do Guadalquivir.

Entrega a alma a Deus, em 1631, Luísa Fernandes⁽⁹⁹⁾. Mas já em 1629 é Caneiros de Domingos de Passos. Vende este a João Vaz dos Moinhos de Caneiros, genro de Diogo Afonso, uma casa e uns campos⁽¹⁰⁰⁾.

Queria em última homenagem mostrar a descendência de Diogo Afonso Caneiros e de Luísa Fernandes⁽¹⁰¹⁾. Mal a

(95) Misto n.º 1 da freg. de Fermentões, pág. 43 v.º

(96) Pr.^{am} que faz Luisa fernandes dona viuva. Livro de notas 10-1-82. Arq. Mun. A. Pimenta.

(97) Pr.^{am} que faz Luisa Fernandes e outros a 3-3-1623. Tab. Pero Novais Soares (12-3-28). Arq. Mun. A. Pimenta, pág. 21 v.º

(98) Proc. de Luisa frz. de Caneiros suas filhas e genros a 30-8-1630. Mesmo livro da nota 97, pág. 63.

(99) Misto n.º 1 de Fermentões, 10-1-1631.

(100) Ver nota 38.

(101) Margarida da Fonseca, m.^{er} de António Pereira, † em Fermentões a 21-2-1641. Marta de Aguiar, m.^{er} de João Vaz, † nos Moinhos de Caneiros a 28-1-1648, Ilena da Fonsequa «m.^{er} solteira cunhada de Joam Vaz» † a 24-5-1644. Certidões dos netos de Diogo Afonso; em Fermentões há o Bap. de Maria f.^a de António Pereira e de Margarida da Fonseca a 19-3-1615, e o casamento dela, a 28-2-1630, com Pedro Fernandes, do Casal da Bacoreira, Fermentões. Outra filha de João Pereira, Ana Pereira, x a 21-3-1643 com João Martins, do Casal do Souto, Pentieiros, e desse casal há filhos. Uma delas, por nome Maria Pereira, x a 19-3-1670

diviso. Em Sevilha, se ainda existe, que a cante o luar prateado nos pátios e a graça andaluza da Virgem Morena. Aqui, à beira do Selho, que a cantem as águas do rio que os seus moinhos moveram, e os pássaros que riscam os céus da terra que eles como lavradores cuidaram.

com João Pinheiro, nat. de S. João de Ponte, é quem leva em dote o Casal das Pereiras. Por dividas ao directo senhorio, vendem o direito que tinham no dito casal, em 17-1-1681, a Domingos Pereira, por 70\$000 (L.º 10-2-55). João Vaz, genro de Diogo Afonso, que em alguns documentos aparece como moleiro, era morador nos Moinhos e filho de Gaspar Gonçalves e de sua m.ª Domingas Martins, do Casal do Loureiro de Cima, Fermentões, que tiveram vários filhos lavradores.

Quinta do Selho de Riba

Brilha o sol nas vidraças partidas. Desenha na casa as sombras do arvoredor. Dela saiem vozes rudes e estridentes. Gritos arrancados aos corpos, espreitam crianças nuas pelos buracos do soalho, fé amassada com dor e suor, telhas despedaçadas pelo vento, famílias que debandam ao apitar das fábricas, esperanças a balouçarem alegres num pedaço de chita garrida.

Nada disto sonhou o Reverendo Francisco de Barros e Abreu, nas suas casas do Largo de S. Francisco, ao ditar o seu testamento «...*minha outra fazenda chamada de Riba de Selho de que se paga de senço serrado ao morgado de Pousada E um cruzado deixo as Religiosas de Santa Rosa da rua Travessa desta villa com condição de recolherem no seu convento ao recolhimento sem outro dote nem entrada minhas sobrinhas Antonia e Assuzana filhas de meu irmão Antonio de Barros...*» «...*e no caso que estas moças não queiram entrar ou as Religiosas não queiram aceitar nem recolher nestes termos deixo a meu irmão Antonio de Barros*» (1).

Assim succede; e passa a viver na quinta do Selho de Riba, António de Barros e Abreu. Raras vezes a sua família salpica os livros dos assentos paroquiais das freguesias do concelho: o pai, João de S. Payo, «meu freguêz» (2), cunhado do Lic. Estevam Fernandes Vieira; a mãe, Eugénia de Barros, falece em Guimarães, na sua casa da Rua Escura, a 15-7-1658 (3), sobrinha de Maria de Abreu, mulher do Lic. Pero Guedes Ferraz. Três irmãos: Torcato de Barros, baptizado na Oliveira a 18-5-1629 (4), Maria de S. Payo, senhora da Quinta de Sub-Carreira, em S. João de Ponte, † viúva sem

(1) Faleceu a 6-1-1704. Livro Misto n.º 3 da freg. de S. Sebastião, pág. 98 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(2) Misto n.º 1 da freg. de Santa Eulália de Fermentões. Arq. Mun. A. Pimenta.

(3) Misto n.º 3 da freg. de Nossa Senhora da Oliveira. Arq. Mun. A. Pimenta.

(4) Misto n.º 2 da freg. da Oliveira. Arq. Mun. A. Pimenta.

descendência na Rua Escura a 3-5-1701 ⁽⁵⁾, e Dona Catarina de Barros «solteira moradora nas suas casas que estão junto a S. Francisco a 11-11-1702 sem sacramento algum por morrer de hum asidente...» ⁽⁶⁾. De igual geração julgo também a Catarina de S. Payo e a Jorge de S. Payo, paroquianos de Fermentões, padrinhos em 1648.

Duas linhas paralelas correm nesta altura na fazenda de Selho de Riba. A de António de Barros e Abreu prolongada no nascimento dos netos: António, Benta Josefa e Teodósia, nascidos nesta casa em 1705, 1708 e 1710 ⁽⁷⁾, filhos de Suzana de Barros e Abreu, e marido, Carlos de Sousa Lobo. Repiçada festivamente no casamento da outra filha, Antónia, com Dâmaso de Sousa Lobo (irmão de Carlos?), a 23-10-1710 ⁽⁸⁾, abalada pela sua morte, a 25-9-1707 ⁽⁹⁾. Cortada pela de sua mulher Jerónima da Silva, a 4-7-1710 ⁽¹⁰⁾, deixando «*a meu neto Antonio o campo da erdade de Sima de Selho para seu patrimonio cantando missa e não sendo clerigo ficara a sua irma Benta Josefa se levantara o dito meu neto enquanto andar nos estudos com a metade dos rendimentos que render a dita fazenda...*» Seguimos as recomendações e legados: «*se a minha Antonia se desmandar ou queira cazar com gente de menos esfera da sua pessoa tudo nomeio e hei por nomeado na Santa Caza desta villa...*» «*...hum bufete o coal ele quizer escolher ao padre Joseph de Oliveira*» ⁽¹¹⁾. Emaranhada em vendas, distrates e empréstimos que Carlos de Sousa Lobo, escrivão no concelho de Basto, faz e pede desde a sua casa do lugar da Veiga, freguesia de Santa Maria do Outeiro ⁽¹²⁾.

⁽⁵⁾ Mesmo livro da nota 3.

⁽⁶⁾ Mesmo livro da nota 1.

⁽⁷⁾ António, a 31-5-1705, Benta Josefa, a 26-3-1708, Teodósia, a 18-2-1710. Misto n.º 1 de Fermentões.

⁽⁸⁾ Dâmaso Lobo de Sousa era filho de Domingos Rebelo e Ana de Sousa Lobo, moradores no lugar da Pena Redonda, freg. de Santa Maria do Outeiro, Cabeceiras de Basto. Mesmo livro das notas 2 e 7.

⁽⁹⁾ e ⁽¹⁰⁾ Mesmo livro da nota 2.

⁽¹¹⁾ Testamento de Jerónima da Silva, da freg. de Santa Eulália de Fermentões, lançado nesta nota. Livro de notas do Tab. José de Sousa (14-1-37), pág. 9 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽¹²⁾ Distrate de Dr.º entre João Luís da Costa, mercador, desta vila, e Carlos Lobo de Sousa, escrivão no concelho de Cabeceiras de Basto, mesmo livro da nota 11, pág. 19 v.º

E não deixando mais vestígios nesta freguesia, dissolve-se esta linha por terras de Basto.

A outra — a de João Luís da Costa — começa num fiapo, num dos trabalhos que cose seu pai, Pedro Simões, alfaiate, morador com sua mulher, Angela Luís, na Rua da Caldeiroa. Tem por origem o lugar da Feira Velha, Fafe, onde o avô, também alfaiate, «tocava os sinais na freguesia e enterrava os mortos» (13), e as tias, por trigueiras, são por alcunha as «Mulatas». Angela Luís é filha de jornaleiros e irmã de Jerónimo da Costa, Familiar do Santo Officio (14). Aparenta ainda com João de S. Payo pois «Jeronima Luis e sua irmã Maria Luis veuvas e Pedro Simões e sua m.^{er} Angella Luis todos moradores nesta villa e fr.^{co} glz e sua m.^{er} D.^{as} Luis m.^{ores} na honra de Sepais da com.^{ca} de Guimarães» passam procuração para cobrar uns dotes que lhes deixou um seu parente, Gabriel Luís, «m.^{or} na sidade de Sevilha» (15), e Angela de S. Payo, mulher do Lic. Estevam Fernandes Vieira, igual documento passa «para cobrar o dote que a ella deixou seu parente Gabriel Luis» (16).

Com o filho de Pedro Simões, João Luís da Costa, mercador em Monção, estreitam-se e confundem-se estas linhas. Desde 1704 vivem na mesma propriedade, apadrinham-se nos baptismos e não deixam perceber quando para uma finda o senhorio da quinta, ou quando para outra se ergue a cortina da posse de Selho de Riba, seu durante uns duzentos anos.

De Monção instala-se João Luís da Costa na Rua Sapateira, vindo ao Selho pelo S. Miguel, vendo a terra sorrir em

(13) Habilitação do Santo Officio de João Caetano Pereira Soares da Costa, Maço 100, Diligência 1667. Torre do Tombo.

(14) Habilitação do Santo Officio de Jerónimo da Costa — Torre do Tombo. Era filho legítimo de António Fernandes, jornaleiro, m.^{or} no Toural e na Rua de Couros e de Maria Luís, neto paterno de Francisco Gonçalves, nat. da freg. de S. Jorge de Cima de Selho, e m.^{er}, Isabel Fernandes, neto materno de Álvaro Gonçalves e m.^{er} Cecília Luís, m.^{ores} no Casal de Segazes, freg. de Santa Marinha da Costa.

(15) Livro de notas do Tab. André Lopes (10-2-77), pág. 31, v.^o Arq. Mun. A. Pimenta. A procuração é de 5-11-1672, e Pedro Simões assina de cruz.

(16) Procuração para Sevilha, de 21-2-1633, que está no livro de notas que no Arquivo tem o número 12-3-8. Arq. Mun. A. Pimenta.



Quinta do Selho de Riba

bens e fartura. Alarga os seus domínios comprando campos aos Passos de Caneiros, o casal da Remolha, o casal de Penassol⁽¹⁷⁾, a quinta da Bacoreira, pedaços de monte a António de Barros⁽¹⁸⁾, o casal de Selho de Baixo, estendendo por Fermentões a sua casa. Sólidas bouças, vastos campos, frescas matas amparam os começos desta fortuna. Empresta a juros, a 16-1-1715, a Carlos Lobo de Sousa⁽¹⁹⁾, e a 2-7-1719 falece « Domingas de Caldas mulher de João Luís da Costa mercador na villa de Guimarães assistente na maior parte do ano nas suas casas do Selho desta freguesia »⁽²⁰⁾. No Selho também morre sua mãe, Angela Luís, viúva, a 30-9-1723⁽²¹⁾.

Meses depois de enviuar, torna João Luís da Costa⁽²²⁾ a casar com Rosa Maria Teresa Pereira Soares, irmã do Doutor Frei Bernardino de Santa Rosa, da Ordem dos Pregadores e Qualificador do Santo Officio. É o seu lar o vivo retrato da família dos mercadores de então: subindo devagar, pelo estudo, pela educação, pela piedade. Vivendo depois do segundo casamento na Rua da Caldeiroa, lá abençoa, ao morrer, oito filhos⁽²³⁾. Dorotea, Joana e Teresa estão freiras no Convento de S.^{ta} Clara; novinhas, ainda em casa, Rosa, Josefa, Bernarda Catarina e os dois rapazes, José António Pereira Soares, clérigo in minoribus, que pouco sobrevive ao

(17) No emprazamento da Quinta de Penassol, feito a 25-4-1761 pelo Dr. João Caetano Pereira Soares da Costa, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, fala-se nestas compras feitas por seu pai, João Luís da Costa. Livro n.º 13 dos Domínios do Convento de S. Domingos. Arq. Mun. A. Pimenta.

(18) Compra que faz João Luís da Costa, desta vila, a António de Barros e Abreu, de Fermentões. Livro de notas (14-1-31) no Arq. Mun. A. Pimenta.

(19) Distrato entre João Luís da Costa, desta vila, e Carlos de Sousa Lobo. Mesmo livro da nota 11. Contrato de dinheiro a juros q deu João Luís da Costa desta v.^a a Carlos Lobo de Sousa, de Basto, fls. 27 v.º do Livro n.º 139 (Out. de 1722 a 1724) dos Índices dos Notários. Arq. Mun. A. Pimenta.

(20) Misto n.º 2 da freg. de Santa Eulália de Fermentões. Arq. Mun. A. Pimenta.

(21) Mesmo livro da nota 20.

(22) A 7-4-1720. Livro de Casamentos n.º 1 da freg. de Nossa Senhora da Oliveira. Arq. Mun. A. Pimenta.

(23) Morre a 11-7-1749. Livro de Óbitos n.º 2 da freg. de S. Sebastião, pág. 4. Arq. Mun. A. Pimenta.

pai, e o continuador da família, João Caetano Pereira Soares da Costa. A todos recomenda «*que querendo os Religiosos de Sam Domingos aseitar hum legado de hua missa todos os domingos do anno e as tres missas do Natal e isto pera sempre pella quantia dos ditos setecentos mil e setecentos reis serao obrigados a dizer as missas no dito convento de sam domingos emquanto minha mulher Roza Maria ou os meus herdeiros não fizerem huma capella na freguesia de Santa Eulália de Fermentões no citio da minha fazenda de Selho...*» ⁽²⁴⁾.

Surge a capela, pegada à casa, rente ao caminho que sobe para a igreja paroquial da freguesia. Caminho que, contente, percorreu o Rev. Cónego Prebendado da Sé de Braga, Gonçalo António de Sousa Lobo, para baptizar o pequeno João Caetano, a 15-10-1727 ⁽²⁵⁾, no Selho nascido «*por la terem hua quinta seus Paes e hirem colher os fruitos no S. Miguel q'a assistencia foi sempre em Guimarães*» ⁽²⁶⁾.

Forma-se em Canones João Caetano Pereira Soares da Costa. Empraza as suas terras em Fermentões ⁽²⁷⁾, e já Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo ⁽²⁸⁾, «*sendo pessoa de bom proceder e de confiança e de capacidade conhecida; tendo fazenda de que possa viver abastadamente e as qualidades que conforme o Regimento do Santo Officio se requerem em seus Officiais*» ⁽²⁹⁾ habilita-se e é recebido como Familiar do Santo Officio ⁽³⁰⁾. Para aumentar a sua casa na Rua da Caldeiroa, mais três moradias aí compra: duas ao Padre José da Maia e uma a José Coelho de Vasconcelos Mota, a 10-3-1773 ⁽³¹⁾. Manda construir «*hum edificio de casas nobres a q se reduzirão todas... casas de hum sobrado na qual tem para a rua duas salas cada hua com duas janelas rasgadas e em outra sala comprende outra janela tambem rasgada com duas sacadas e*

⁽²⁴⁾ Este testamento vem no mesmo livro da nota 23.

⁽²⁵⁾ Mesmo livro da nota 20.

⁽²⁶⁾ Habilitação para a Ordem de Cristo de João Caetano Pereira Soares da Costa. 18-6-1760. Letra J, Maço 8 n.º 6. Torre do Tombo.

⁽²⁷⁾ Livro da nota 17.

⁽²⁸⁾ Ver nota 26.

⁽²⁹⁾ Copiado do Regimento dos Familiares do Santo Officio.

⁽³⁰⁾ Ver nota 13.

⁽³¹⁾ Livro de notas do Tab. José Borges de Azevedo.

grades de ferro e em cima suas Armas ⁽³²⁾ *e para o sul tem duas janelas da mesma forma e em baixo tem a lage com sua entrada com sua porta rasgada e hum tabuleiro...* ⁽³³⁾.

Viúvo, s. g., de Dona Getrudes Maria Campos Pinheiro ⁽³⁴⁾, precisa o Dr. João Caetano de se casar para continuar a família. Assim o faz na Igreja de S. Miguel de Serzedo, a 2-2-1774 ⁽³⁵⁾, com a filha do sargento-mor Simão de Azevedo Moreira, senhora da Quinta do Ribeiro, da mesma freguesia. Oito crianças vão, aos poucos, povoando a mansão da Caldeiroa. Sucede aos pais o primogénito, Manuel Joaquim Pereira Soares de Azevedo, Juiz de Fora em Algozo, Tenente-coronel das Milícias de Vila do Conde na Guerra Peninsular. A quinta de Riba de Selho segue arrendada a caseiros, gente anónima como o vento, sólida como o granito, que de si deixam o trabalho e a Raça.

Por mais um século será dos da Caldeiroa a fazenda de Selho de Riba. Verá, de longe, a 1-9-1805, Dona Emerenciana Ludovina de Sousa Lobo Machado Arrochela e Couros entrar como noiva do Dr. Manuel Joaquim Pereira Soares de Aze-

⁽³²⁾ Encimam a porta principal da casa da Rua da Caldeiroa as seguintes armas esquarteladas: no 1.º, Costas, no 2.º, Pereira, no 3.º, Soares de Toledo, no 4.º, Fonseca. Timbre: Costa. Armando de Matos, no seu *Pedra de Armas de Portugal*, não dá interpretação ao 4.º quartel limitando-se a pôr um ponto de interrogação. É este o brasão adotado por João Caetano Pereira Soares da Costa, com base em seus apelidos: Costa — patronímico usado por seu pai, por sua mãe ser natural da freguesia de Santa Marinha da Costa (ver nota 14); Pereira e Soares usados pelo avô materno. Assim julgo que o 4.º quartel represente Fonseca, apelido usado pelo irmão inteiro da mãe de João Caetano, o Reverendo Padre José Soares da Fonseca, apesar do erro que, se assim for, nele se nota: as cinco estrelas em sautor são de cinco pontas e não de seis. Ignoro a concessão destas armas.

⁽³³⁾ Reconhecimento que fez o Dr. Manuel Joaquim Pereira Soares de Azevedo, Juiz de Fora da Vila de Algozo, de três moradas de casas com seus quintais que possui na Rua da Caldeiroa. Livro dos Domínios n.º 23 do Convento de S. Domingos. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽³⁴⁾ D. Getrudes Maria Campos Pinheiro era nat. de Guimarães, filha de Francisco Rodrigues Alves, da freg. de S. Cosme e Damião, dos Arcos, e de Mariana Josefa dos Santos, nat. de Guimarães; neta materna de Jerónimo Ribeiro de Campos e de sua m.ª Jerónima Barbosa. Processo de Familiar de Santo Officio de João Caetano Pereira Soares da Costa.

⁽³⁵⁾ Misto n.º 4 da freg. de S. Miguel de Serzedo. Arq. Mun. A. Pimenta.

vedo. Seguirá com seu filho mais velho, João Pereira Lobo Soares de Azevedo, capitão de milícias em Guimarães; o segundo, o Rodrigo, tira aos apelidos maternos os nomes que usarão os seus descendentes: os Arrochelas Lobos.

Saiem do Selho presentes de frangos e roscas que os caseiros oferecem nas bodas do novo senhorio. Recebe-se João Pereira Lobo Soares de Azevedo com Dona Augusta Eduarda de Sousa Lobato, a 24-6-1833⁽³⁶⁾, filha de Joaquim José de Sousa Lobato, 2.º Visconde e 2.º Barão de Magé, 2.º senhor de S. João de Rei, alcaide-mor de Castelo de Vide, do Conselho de El-Rei Dom João VI, seu guarda-roupa, porteiro da Câmara de S. A. R. a Senhora Infanta Regente Dona Isabel Maria, Com.ºr da Ordem de Cristo e da Torre e Espada, e de sua mulher, Dona Mariana Clementina de Araújo e Albuquerque⁽³⁷⁾. Desde então, passa a família da Caldeiroa, senhora da quinta de Selho de Riba, a ser conhecida pela dos Lobatos.

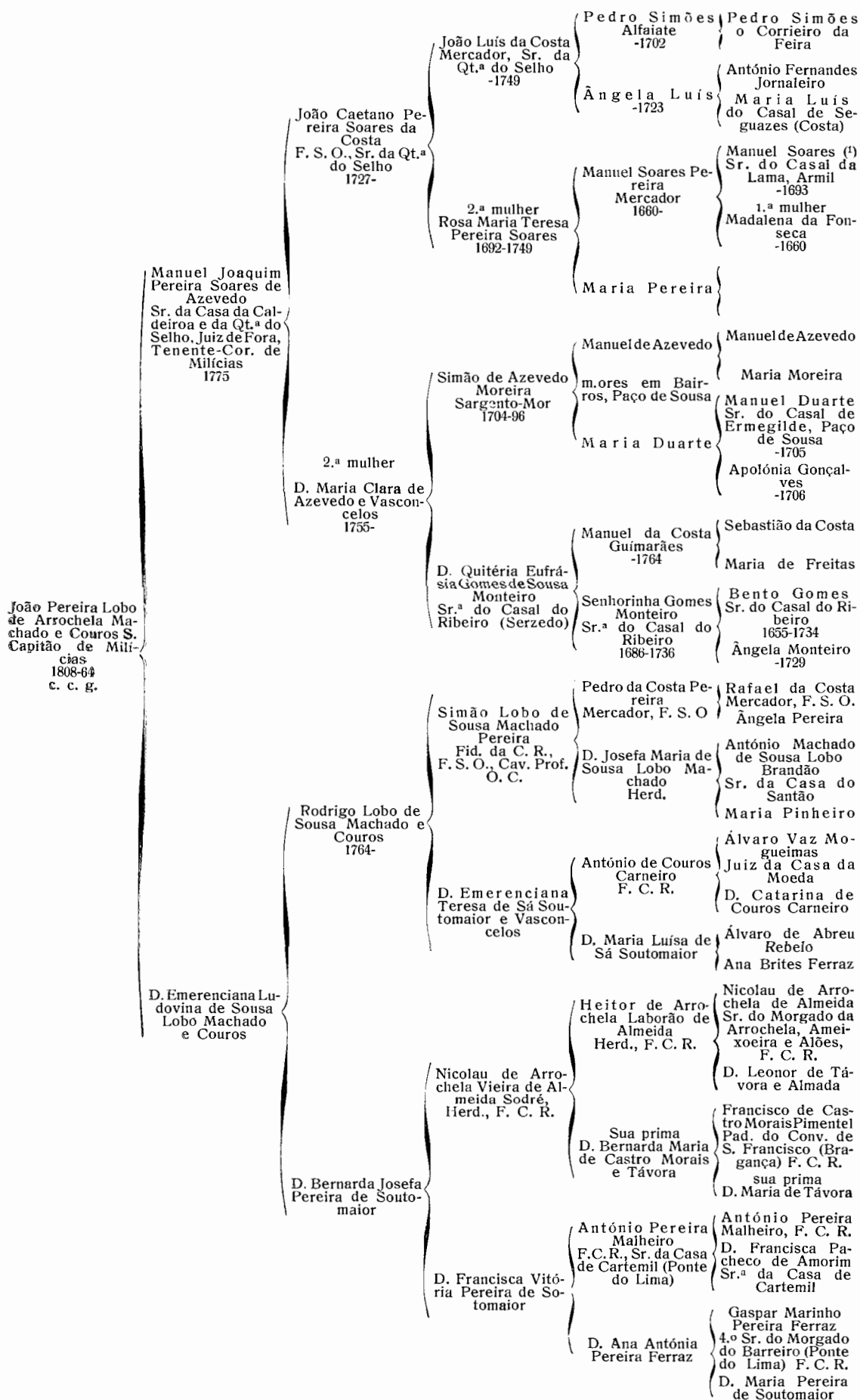
Dois ramos saiem deste tronco. Um, o dos Azevedos Lobatos, que ainda hoje existe. Parte-se a posse desta quinta no outro, no do primogénito João Carlos Pereira Lobato de Azevedo, do Conselho de Sua Magestade, Bacharel em Direito, nascido em 1835 e † em 1915. Deste, só fica um filho perflhado, Alberto Carlos Pereira Lobato de Azevedo, que vende a Caldeiroa e o Selho.

Compra a quinta de Selho de Riba o sr. Adão Pereira da Silva, casado com Dona Maria Adelaide Monteiro de Meira, sendo hoje o usufruto desta senhora e a raiz da Santa Casa da Misericórdia de Chaves. Está alugada a muitas famílias, vazia a sua capela outrora florida, e nada resta dos Lobatos na Casa de Selho de Riba. Pobre, na sua miséria de vidraças partidas, rica no amor das mães de família que os seus quartos adornam, dela, ao entardecer, sobe para o Céu o fumo leve e agradecido pelo bendito pão de cada dia.

(36) Ver as *Últimas Gerações* de José Sousa Machado, Costado 221, Tomo II.

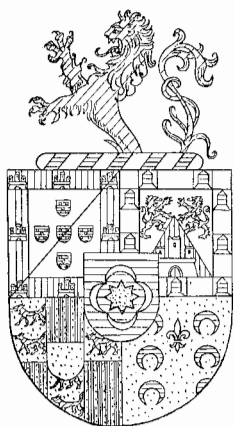
(37) Tirado do *Livro de Ouro da Nobreza*, de Ruy Dique Travassos Valdez e Domingos de Araújo Afonso.

QUINTA DE SELHO DE RIBA



(1) Manuel Soares era filho natural de Cristóvão Soares Coelho, senhor da Casa da Carvalheda, Fafe o que explica o braço usado pela sua descendência.

Casa da Covilhã



Nos últimos anos de vida, estando D. João I em Guimarães, por ele passou um gigante.

— Quem é? perguntou El-Rei.

— João Afonso Ribeiro, meu senhor.

— João Ribeiro? Que Golias!

Fê-lo El-Rei seu vassalo ⁽¹⁾. E Golias ficaram para sempre misturando-se com os Guimarães verdadeiros, espreitando de onde a onde na História, abrindo-se em lindas páginas que devagar folhearemos.

Voltemos a primeira. Entremos em casa dum descendente de João Ribeiro.

Vive em Guimarães, na Rua dos Fornos, o Dr. Rui Gomes Golias, abade de St.^a Maria de Sande e, desde 1619 ⁽²⁾, Mestre Escola da Real Colegiada de Guimarães. Admiremos «os quadros dos Reys e os quadros grandes dourados q quero andem sempre na dita casa» ⁽³⁾, as gravuras de santos «*pera repartir por minha irmã e sobrinhas religiosas segundo a devoção de cada hua*». Flutua na casa a esperança da «herança da Índia» ⁽⁴⁾, e levados pelo cheiro das especiarias

⁽¹⁾ Esta é a lenda de que rezam os Nobiliários. Segundo os mesmos, e um manuscrito que vi no Arquivo da Casa do Costeado, (está encadernado) João Afonso Ribeiro foi feito vassalo de D. João I por alvará de 16-8-1431 «que corresponde ao ano de Cristo de 1405».

⁽²⁾ «Elementos para um Catálogo dos Chantres, Tesoureiros, Mestres-Escolas, Arciprestes, Arcediagos, Magistrais, Cônegos, Prebendados e Meios Prebendados da Colegiada de Guimarães» in-*Boletim de Trabalhos Históricos*, vol, VII, n.º 3, pág. 104. Rui Gomes Golias, que ao tempo era abade de Santa Maria de Sande, foi Mestre Escola por permutação com seu irmão, o Dr. Sebastião Vaz Golias.

⁽³⁾ Neste parágrafo as frases entre aspas são copiadas do testamento do Dr. Rui Gomes Golias, aprovado em Setembro de 1649 pelo Tab. Bento da Cruz Lobato, em Guimarães, na Rua dos Fornos, e transcrito no Tomo VI dos Emprazamentos do Gonvento de S. Domingos (B-17-3-42), pág. 256. Instituição do Morgado dos Golias. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽⁴⁾ Herança que provavelmente lhe veio pelo avô paterno, Ambrósio Vaz Golias, que, segundo os Nobiliários, esteve na Índia.

e incenso, religiosamente penetramos na Biblioteca. Numa estante temos «os livros do Reyno, Farinacios, Molinas, Gracianos, Alviatos, Guterres, Menochios, Rebufos alguns dicionarios e opiniões comuns». Acolá, os «Navarros, Padre Soares, Azorios, Solucios, Ricios, Agostinho Barbosa, Belarmino, Rodrigues, e em duplicatas os Doutores ordinários». Misturados estão os livros dos Padres Santos «Santo Agostinho, Gregorios, Crisostomos, Bernardes, Jansenios, e todas as mais concordancias, muitos que servem para pregações e um volume grande das Sagradas Escripturas» (5).

Encaixa-se este viver na época em que Portugal reconquista a Independência ansiada pelas suas gentes, sussurada nos seus rios, brotada nas suas fontes, inspirada no alto cume das serras e no mar sem fim, que é nosso. No seu officio de Mestre Escola, Rui Gomes Golias forjou esta nova geração. Tem agora outros cuidados. Em 1642⁽⁶⁾ queixa-se «q. no Coro nam se gardam as ordens delle assim no silencio como no cantar e Resar porq.^{to} se resa mui apressado sem fazer demidiação no salmear, e alguns nam prenunçiam as palavras todas contentandose com dizer o fim dellas por acabar mais depressa». Também «havia falta na guarda dos livros da Cantoria do Coro q. ficavam abertos e se danavam desencadernandose e rompendosse...». Acusam-no, na visitação de 1643, de «dar posse da conezia ao Conego Bocarro empatando os votos... no q deu ocasião a subornarem os votos e de lhe mandar dar posse ex-abrupto ...e de não mandar votar as favas brancas e negras cõtra o seu antigo costume» (7).

Antes de partir deste mundo, institui Rui Gomes Golias um Morgadio (8). «estas minhas casas em que vivo que são cinco na Rua de Fornos e tres na de Sanctiago ...q são

(5) Ficaram estes livros aos dois sobrinhos varões: o Dr. João de Guimarães Golias e o Padre Ambrósio Vaz Golias, abade de Abargão.

(6) «Visitações da Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira da Villa de Guimarães, feitas pelo Ill.^{mo} Sr. Dom João Lobo de Faro no ano de 1642» in-*Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. XV, n.º 3-4, pág. 134.

(7) As mesmas Visitações da nota 6, mas referentes ao ano de 1643, no mesmo *Boletim*, vol. XVI, n.º 1-2, pág. 69.

(8) Instituição do Morgado dos Golias, nota 3.

de prazo factozim perpetuo e porcoanto as consertei todas e ajuntei ...terei gosto q nunca se vendão e vivão nellas juntas de modo q eu fazia ...as avinculo todas porq não possão ser alheadas nem escambadas ate o fim do mundo nem sejão divididas e andem sempre juntas em modo de morguado». Herdeira do Morgadio é sua sobrinha Catarina Golias, com obrigação de «nomear hu filho ou filha seu legitimo e não os tendo podera nomear hu parente ou parenta que seja por a minha parte de meu pay ou de minha may qual quizerem com condição que se chamem Guolias e Guimarães, mas não quero que possão vir estes bens aos descendentes de João de Valadares e de sua molher Ignês de Guimarães porq os hei por desherdados de meus bens posto q não aja outros parentes e o parente ou parenta a nomear sera legitimo e não legitimado nem natural... e o pessuidor deste vinculo quero que possa nomear tendo filhos ou filhas o mais mosso ou mais mossã conforme a sua vontade e morrendo sem nomear qualquer dos pessuidores suceda o parente deste pessuidor mais chegado a elle sem beneficio da representação da mesma linha e parentesco delle... e não podera ser nomeado em pessoa que tenha rassa de nassão hebreã moura ou Judeu ou qualquer outra reprovada e quero que cometendo o pessuidor algum crime que mereca ser reprovado e confiscado pello mesmo caso o hei por desherdado tres horas antes de o cometer porq minha tenção he que elle não o pessua nem com tensão de cometer tal crime».

Chove. Nas herdades do Prado, freguesia de Soutelo, na quinta de São Gens, em Fermentões, «com as medidas anexas a ella na freguesia de Silvares, no casal do Val Melhorado⁽⁹⁾ tambem em Fermentões, no de Sendelo em Silvares, nos campos da Baralha e da Cerveira, na herdade de Rossas em Santa Maria dos Anjos, nas de Revelhe em Montelongo», todas vinculadas ao Morgado do Mestre Escola. Em ribeirinhos e poças canta a água nas terras livres do vinculo que deixa espalhadas pelos sobrinhos: casais dos Moinhos, em S. Tor-

(9) Encontramos o seguinte nos papéis manuscritos do Abade de Tagilde, que se acham na Sociedade Martins Sarmento. Fermentões — «No Casal de Val Melhorado estiveram escondidos D. Critóvão e D. Manuel filhos de D. António, Prior do Crato, que foram levados para Flandres por um Cónego de Guimarães (era Simão Afonso de Carvalho de que se fala em S. João de Airão)».

cato; S. Pedro, em Garfe. Ferreiral e Souto, em Vila Nova de Sande, prazos de Vargas «*q nomeio no pessuidor destas casas e lhe rogo andem sempre com ella*» dos Loureiros, em Fermentões, do Fervão, em Silvares, casais das Quintãs, também em Fermentões, da Pégada, em Azurém e, finalmente, os do Cabo de Vila, em Serzedo, e do Penedo e Ribeirinha, em S. Tomé de Abação.

Devagar, surge o sol entre as nuvens. Bate em cheio, mal rompe, neste «*Casal da Covilhã que comprei ao Pato*»⁽¹⁰⁾ e nomeio a minha sobrinha Ignes de Guimarães pera andar junto com o seu que he todo hum prazo dos frades da Costa; porq pera ella o comprei e senão metesse pessoa estranha» «...e lembrolhe que se devem setenta mil reis do Casal da Covilhã que comprei ao Pato e quando eu os não pague em vida a Paulo Borges q tenha ella lembrança p.^a q se paguem».

Quem são os sobrinhos do Dr. Rui Gomes Golias? Encontramos nove, todos filhos de seu irmão Diogo de Guimarães de quem é muito amigo pois «*quero ser enterrado na minha sepultura que tem o meu nome junto do meu irmão na igreja da Colegiada e se acabara de por os letreiros a ambas das duas se eu os não acabar e no fim das sepulturas ambas se ponhão estas letras comessando em hua acabando na outra* — in morte num sunt separati — *pello muito amor com q nos tratamos toda a vida*». Assim se faz na morte do Mestre Escola, «a 29 de Marso de 1649 a hua ora depois do meyo dia»⁽¹¹⁾.

Abrimos a segunda folha do livro da Covilhã. Está inundada da alegria dos baptisados dos sobrinhos de Rui Gomes Golias, na igreja de Santa Eulália de Fermentões: Maria, a 9-8-1592; Inês, a 10-11-1593; Margarida, a 7-6-1598; João, a 24-6-1599; Marta, a 15-7-1602 e Catarina, a 4-11-1704⁽¹²⁾.

(10) Este primeiro senhor que conhecemos da Quinta da Covilhã, e que a vendeu ao Dr. Rui Gomes Golias, foi Paulo Borges, o «Pato», senhor da Quinta de Laços, em S. Miguel de Creixomil, infância da Governança da Vila de Guimarães. Em 1677 ainda vivia em Laços. Vem um contrato por ele feito nas notas do Tab. Jorge Lobato da Cruz (10-2-52). Arq. Mun. A. Pimenta.

(11) Mesmo livro da nota 2.

(12) Misto n.º 1 da freg. de Santa Eulália de Fermentões. Arq. Mun. A. Pimenta.

Faltam aqui, dos filhos de Diogo de Guimarães e sua mulher Ana Fernandes, Luísa, Suzana e Ambrózio que mais tarde será Abade de Abargão. Não consta, nestes assentos, qual a casa que acolheu estes primeiros sorrisos: — S. Gens, Quintãs, Val Melhorado, Covilhã, em qual destas viveriam? Numa delas morre Ana Fernandes (teria parentesco com Luísa Fernandes casada com Diogo Afonso Caneiros?) a 16-11-1616 «*enterrou-se em S. Domingos ao dia lhe fizerão officios de nove licoens... e nesta igreja nao fizeram nada ate agora só derão de obrada hum alq.^{re} de centeyo dous de milho hum cantaro de v.^o e duas g.^{as}*» (13).

E como pétalas fechadas, quando se vai o sol, às suas casas e conventos recolhem-se as filhas de Diogo de Guimarães. Margarida do Vale, Suzana de Guimarães, Inês de Guimarães, senhores da Covilhã, Marta Golias, Luísa de Guimarães e, finalmente, Catarina Golias, que a todas sobrevive, são pérolas enfiadas na virtude e na honra de ricas-donas, caindo apagadamente no tempo.

A página seguinte leva-nos ao sobrinho, a quem o Dr. Rui Gomes Golias deixa o benefício do Mestre Escolado, — o Dr. João de Guimarães Golias, Desembargador, Deputado da Mesa da Consciência e Ordens, Comendador de São Miguel de Caparroza na Ordem de Cristo, a quem se deve a capela (e muito possivelmente a casa) da Covilhã — «*doze mil cruzados que manda ajuntar ao morgado instituido por seu tio quer os sucessores e administradores delle tenham mais de encargo mandar dizer hua missa quotidiana perpetua emquanto o mundo durar pellas almas do fogo do puragatorio a qual missa nos dias que não forem de guarda se dira na miziricordia de Guimaraes e nos dias santos se hira dizer a capella delle testador q fica junto a dila villa no sufragio da Covilhã onde ele testador a mandou fazer e que na mesma Capella se diga mais...*» (14). Por ele leva-nos também à corte de

(13) Mesmo livro da nota 12.

(14) Testamento do Dr. João de Guimarães, aprovado em Lisboa pelo Tab. José da Mota Coelho, transcrito no livro citado na nota 3. Pede o Dr. João de Guimarães aos padres do Convento da Santíssima Trindade da cidade de Lisboa «*lhe deem lugar e sepultura onde conforme sua qualidade possa ser comodamente sepultado e podendo ser na parte onde se enterrão os Religiosos folgara muito de ter entre elles sepultura.*

El-Rei D. João IV, entrando assim na História a Casa da Covilhã.

Vimos que João de Guimarães Golias nasceu em Fermentões, em Junho de 1699. Sabemos que casou e não teve filhos de Dona Maria de Guimarães a quem manda «*pello muito que a amava e pella muita estimação q della fazia por suas partes e virtudes*» viver depois de viúva com as cunhadas «*vivendo em boa irmandade e conservando o amor q era rezão entre ellas ouvesse e q disto teria elle grande consolação e gosto... e nos cazo que Dona Maria queira ser Religiosa se recolha em hum convento com as ditas suas cunhadas ou alguma delas*». Sob o nome de Dona Maria da Cruz, aos claustros de Santa Clara se acolhe, depois de viúva, Dona Maria de Guimarães. Sabemos que João de Guimarães Golias foi enviado por D. João IV numa embaixada à Suécia, e, mais tarde, a Inglaterra.

Guiados por Edgar Prestage⁽¹⁵⁾ entremos em Lisboa, a 19-3-1650. Troam os cem canhões do forte de S. Julião da Barra e os do forte do Cabeço Seco (Torre do Bugio). No estuário do Tejo balouçam os 14 navios dos Príncipes Rupert e Maurício⁽¹⁶⁾, defensores no mar da causa de Carlos II de Inglaterra. Força a entrada da Barra uma esquadra da República de Cromwell debaixo do comando do almirante Blake. Fundeia, ao estremecer dos canhões, e aguarda ordens do Governo Português. Estas vêm, apressadas, com licença

(15) Tirei estes factos, todos documentados, do livro de Edgar Prestage *Relações diplomáticas de Portugal com a França, Inglaterra e Holanda de 1640 a 1668*. Da pág. 130 em diante descreve-se a pouco feliz embaixada de João de Guimarães.

(16) Os Príncipes Rupert e Maurício do Palatinado eram sobrinhos do Rei Carlos I de Inglaterra. «... este principe que nos combates terrestres alcançara tão terrivel nomeada pelas suas façanhas e crueldade desde os fins de 1648 tinha-se feito ao mar com seu irmão Mauricio mostrando-se sempre impávido e desapiedado. Uma parte dos barcos ingleses que tinham desertado durante a segunda Guerra Civil collocou-se sob o seu comando.

Com estes barcos começou a exercer a pirataria sobre os navios mercantes ingleses e por tal processo acabou por juntar uma esquadra consideravel... Constituiu-se uma verdadeira potencia de corsários cujo território eram as ondas do mar do Norte cujos concidadãos erão piratas de todos os paizes e cujo senhor era o terrivel Principe Rupert» — *História Universal*, de Guilherme Oncken, vol. XIV, pág. 845.

para ancorar em St.^a Catarina de Ribamar. Não longe, em Belém, está a frota dos Príncipes. Não tarda que as neblinas das madrugadas vejam as duas armadas envolvidas em escaramuças.

Quem provocou este súbito agitar do Tejo? Respiravam livres as suas águas, recebiam dum mundo distante e espalhado as riquezas dum Império que aos poucos renascia, quando El-Rei D. João IV, fiel ao tratado de 1642, recebe, com fidalgo acolhimento as naus dos Príncipes. Abrigados em Lisboa, lançam estas redes de pirataria e cobiça. Amedrontados, desviam as rotas os veleiros carregados de mercadorias. Protesta a Inglaterra de Cromwell mandando-nos o embaixador Vane. Agarrado aos compromissos, defende o Rei Português os incómodos hóspedes. E do porto de Lisboa esvai-se o colorido dos mascates e especiarias, sentindo-se o cheiro da pólvora que ribomba pela costa.

D. João IV, firme no seu papel de pacificador, convida o Príncipe Rupert a levantar ferro. Este não aceita e o Almirante Blake ataca a frota do Brasil, apreendendo 9 navios. Como vela enfunada de vento, foge a Paz das águas do Mar da Palha. Em represália, confiscam-se os bens ingleses e tenta-se lançar fogo à nau do Almirante. Alteia-se a chama com o cerco que os parlamentares põem a Lisboa. A Cruz de Cristo ensanguenta o mar com a perda em combate dum dos nossos bergantins.

Levanta por fim Blake o bloqueio. Sai também a esquadra de Rupert, causa de tantos prejuízos. Encontram-se ambas ao largo de Cartagena. Em movimentado combate, — estampidos de canhões, espadas a sibilarem nos ares, cordame que salta e chicoteia, mastros fulminados a tombarem, invocações desesperadas de corpos gelados; — engolem as ondas as feridas naus de Rupert. Desaparece, no redemoinho do tempo, este episódio que se reflecte na vida de João de Guimarães Golias, 2.^o administrador e construtor da capela da Covilhã.

É ele o escolhido por D. João IV para negociar a Paz e pedir as indemnizações que nos são devidas. Em Londres, num dos três coches onde o foi buscar o Mestre de Cerimónias para ser recebido na antiga Câmara dos Pares, medita no difícil que tem sido a missão que lhe incubiram. Mal

desembarca em Inglaterra, em Dezembro de 1650, recebem os governadores de Portsmouth e Southampton ordens do Conselho de Estado de o guardarem à vista. Só depois de entregar os papéis e ser a sua Causa debatida nos Comuns é que lhe dão o salvo conduto para Londres, onde entra a 27 de Dezembro. Encontra aí, erguida pelo embaixador de Espanha, a barreira da má vontade e influências contrárias. Pacientemente espera que em reuniões várias seja discutido o protocolo da sua recepção.

Param os coches. Sai de cabeça descoberta João de Guimarães Golias, «todos o aguardam com igual cortezia». Indicam-lhe uma cadeira sem braços, igual a todas as outras, onde se senta, cobrindo-se. Fala. Expande-se na língua latina sobre a amizade dos dois países, sobre as vantagens da paz para as duas potências marítimas. Perguntam-se os ingleses se este Enviado tem ou não poderes para representar o Rei de Portugal. Agarrando-se a esta interrogação passam os dias em conferências e notas, tratando Vane directamente com João de Guimarães Golias. Dêbilmente se levanta a voz lusa pedindo as indemnizações reclamadas em cartas⁽¹⁷⁾ por D. João IV. Salta a Inglaterra exigindo o cumprimento de seis artigos que duramente apresenta, para prosseguirem as negociações.

Perdido no labirinto do pouco poder e dinheiro, curva-se João de Guimarães às exigências inglesas⁽¹⁸⁾. Pretende ainda vir a Lisboa expôr a situação. Confiscam-lhe o passaporte impedindo-o de regressar, depois, a Inglaterra. Sabendo,

(17) Estas 4 cartas são a única documentação portuguesa que Edgar Prestage encontrou sobre este infeliz sucesso. Estão estas cartas na Torre do Tombo (Colecção S. Vicente).

(18) Foram os seguintes os pontos exigidos pela Inglaterra:

- 1) Postos em liberdade os ingleses presos ou detidos em Portugal e seus domínios.
- 2) Restituídos aos proprietários todos os navios, dinheiro e mercadorias apreendidos a ingleses devendo os mesmos ser indemnizados.
- 3) Punidos os autores dos marinheiros que tinham vindo a terra em Lisboa e os que tinham tentado lançar fogo à nau do almirante Blake.
- 4) Que Portugal satisfizesse as despesas que a Inglaterra fizera com as esquadras mandadas para a costa portuguesa desde 1649 (214 000 libras).
- 5) Que desse uma reparação pelas mercadorias inglesas levadas por Rupert.
- 6) Que restituísse todos os navios que Rupert tinha levado de Inglaterra, (estavam todos no fundo do mar).

João de Guimarães concordou com as três primeiras exigências.

enfim, «que pouco valia ter o direito do seu lado», dá por finda a triste missão voltando a Lisboa a 27-5-1651 «Logo q viera das embaixadas dera na mão de sua Magestade as contas do dinheiro q recebera tão ajustadas q sua Magestade as aprovara e Louvara e pera mais Justificação as tinha dado na mão do contador mor e q dellas constava estar-lhe sua Magestade a dever seis ou sette mil cruzados em q elle testador não quer que se fale ao dito Senhor pellos gastos e apertos em q está o Reino...»⁽¹⁹⁾. E a morte vem buscar João de Guimarães Golias, em Lisboa, a 10-9-1653⁽²⁰⁾.

É sua irmã Catarina Golias a herdeira do Margadio. Usando da faculdade de nomeá-lo em alguém da sua geração, escolhe, a 23-11-1670, seu parente António Peixoto de Miranda, com obrigação de vincular 12 mil cruzados, o que ele não satisfaz. Torna Catarina a nomear o morgado em um filho delle: Manuel de Guimarães Golias Peixoto, Fidalgo da Casa de Sua Alteza e Cavaleiro do Hábito de Cristo «*he p.^a este efeito lhe largava as benfeitorias que tem feito na capella do santo nome de jesus que se fez com utilidade notorio do dito morgado que fica com missa quotidiana nas Casas e cavessa do dito morgado e assi tambem lhe nomeia o casal de Vargas que val dous mil cruzados...*»⁽²¹⁾.

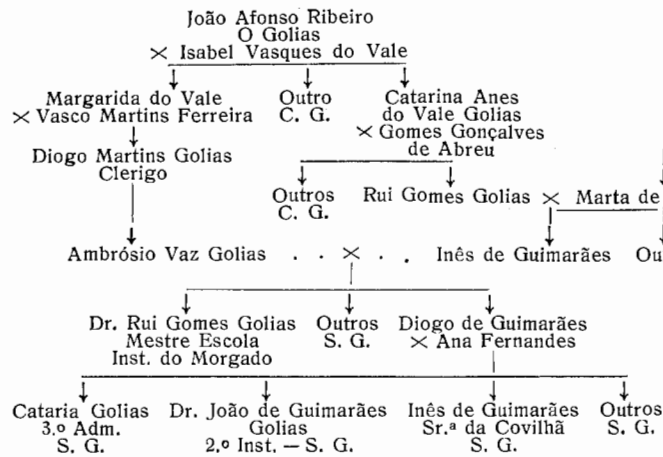
Embora a administração da capela da Covilhã siga, até se extinguir a linha, com os senhores do Morgado do Mestre Escola (Lamelas), a casa e a quinta que não são vinculadas vão para outro parente, Jerónimo de Barros e Azevedo. Antes de entrarmos na sua aventureira vida, de com ele percorrermos a estranha selva dos novos mundos, paremos um pouco, embrenhados nos densos parentescos dos Guimarães e Golias, curvando-nos aos desígnios de Deus que uns ramos corta e outras aumenta em folhagens sem fim⁽²²⁾.

⁽¹⁹⁾ Testamento do Dr. João de Guimarães, nota 3. Também ai diz «*que deixava ao Senhor Ambrozio Vaz Golias seu irmão a anção dos serviços q tem feito a sua Magestade asim neste Reyno como nas embaixadas da Suécia e Inglaterra pera q elle possa requerer a sua Magestade a satisfação q espera da sua grandeza e merece o animo e lealdade com q servio*».

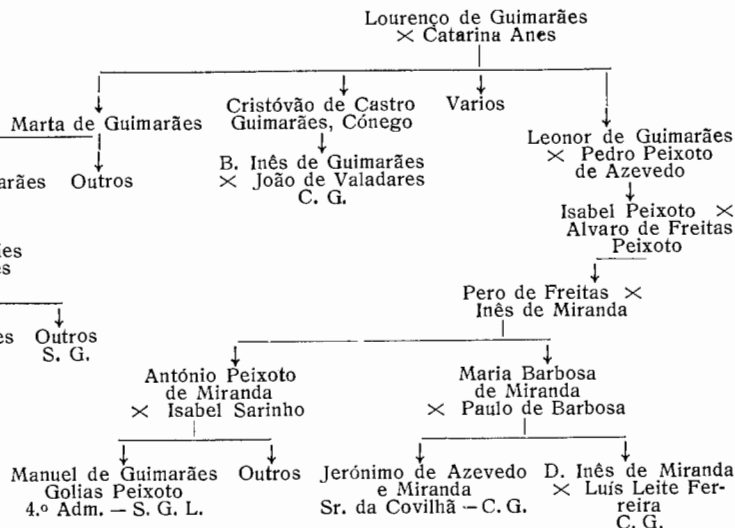
⁽²⁰⁾ Abertura do seu Testamento.

⁽²¹⁾ Nomeação do morgd.^o e vincullo que fez Catarina guolias a m.^{el} de G.^{es} golias peixoto a 19-5-1677. Livro de Notas do Tab. Jorge Lobato da Cruz (B-10-2-50), pág. 79 v.^o Arq. Mun. A. Pimenta.

GOLIAS



GUIMARÃES



(22) Fiz este quadro com elementos tirados do livro *Pedatura Lusitana*, de Cristóvão Alão de Moraes, Tomo II, vol. I, pág. 220 e seg.

A administração da capela da Covilhã seguiu na descendência de D. Inês de Miranda e seu marido, o Lic. Luís Leite Ferreira. Sua filha, D. Guiomar, foi a 1.ª m.ª de Fernão Rebelo de Mesquita; foram estes os pais de Francisco da Costa de Mesquita, o «Lamelas», cuja filha, D. Ana Margarida de Guimarães Golias, foi adm. do Morgado do Mestre Escola.

Nos anos que se seguem à Restauração, na onda magnífica e generosa de um Portugal que pelo Brasil «não podia fazer muito e não poderia fazer mais: fêz tudo o que poute»⁽²³⁾, vai Jerónimo de Azevedo e Miranda, senhor da Covilhã-Baptizado na Colegiada da Senhora da Oliveira, em Guimarães, a 30-6-1629⁽²⁴⁾, cedo parte. Desde 1647 a 1666 acha-se «em algumas pelepas contra os holandezes»⁽²⁵⁾, arrasta-se pelo chão estorricado de onde a seca chupou a vida, enfrenta a fúria das barrentas enchentes, manobra nas emboscadas dos arraiais, «corre em socorro da Capitania de Sergipe», abre caminho na humida selva das montanhas. Endurece o seu corpo de fidalgo minhoto no sufocante calor dos trópicos e, ao som das águas despedaçadas das torrentes, ajuda a escrever mais esta página: a libertação do Nordeste brasileiro da ocupação holandesa.

Balouçam os coqueirais, dançam com graça as palmeiras. Para o sul, desce Jerónimo de Azevedo e Miranda. A um rendilhado altar da Baía, de soberba talha e oiro faiscante, vai receber sua mulher: a baianinha Dona Maria de Sousa, filha de «Domingos Alvares e sua m.^{er} Dona Marta de Sousa que ao falecerem na dita cidade deixam uma missa semanária imposta em humas cazas situadas na mesma sidade»⁽²⁶⁾. E Francisca, Mariana e Marta nascem na terra de sua mãe, sendo o pai vereador da Câmara⁽²⁷⁾.

O vento dos interesses «traz a J.^{mo} de azevedo e sua m.^{er} dona m.^a para este reino de portugal com toda a sua caza e familia para a v.^a de G.^{es} donde ele dito J.^{mo} de azevedo hera natural e tinha a maior parte de seus bens»⁽²⁸⁾.

(23) *História do Brasil*, de Afrânio Peixoto, Cap. III, pág. 74.

(24) Misto n.º 2 da freg. de Nossa Senhora da Oliveira, pág. 95. Arq. Mun. A. Pimenta.

(25) As frases entre aspas neste parágrafo são copiadas do documento em que El-Rei Dom Pedro II elogia os serviços prestados à Coroa por Dom António de Noronha e Amaral, e seu sogro Jerónimo de Azevedo e Miranda. Arq. particular da Casa do Costeado, Guimarães.

(26) Obrigassam de bens de Jerónimo de Azevedo, a 2-9-1695. Livro de notas do Tab. Luís António de Abreu. Arq. Mun. A. Pimenta.

(27) Mesmo documento citado na nota 25.

(28) Obrigassam de bens e vincullo q fazem J.^{mo} de Azevedo e sua m.^{er} dona M.^a de Sousa a 22-3-1681. Livro de notas do Tab. Jorge Lobato da Cruz, pág. 3 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

Movimenta a Covilhã, para onde vem viver com o colorido de suas gentes e escravos. Corta aos poucos as amarras com a Baía. Transfere o vínculo dos sogros para Guimarães, subrogando e vinculando os casais de S. Pedro, em Garfe, e do Outeiro Levado, em S. Cristóvão de Riba de Selho, termo de Guimarães⁽²⁹⁾. E desde a Covilhã manda procuração para venderem as casas de sua mulher, na «Bahia de Todos os Santos e de quase todos os pecados»⁽³⁰⁾, Rua de Nossa Senhora da Ajuda⁽³¹⁾.

Surgem para a vida, em Guimarães, as três meninas que vieram da Baía. Fugitivamente, Dona Mariana e Dona Marta nos claustros de Santa Clara. Com alegria, a primogénita, Dona Francisca de Sousa e Miranda, descendo, como noiva, os degraus da velha igreja de Fermentões, a 18-6-1680⁽³²⁾. Em dote leva a Casa da Covilhã, as Quintãs, em S. João de Brito, casas na Baía, quatro mil cruzados em dinheiro e outros dois mil em peças de ouro, prata, jóias e alfaias⁽³³⁾. Mais tarde, por morte do pai, a 11-5-1703⁽³⁴⁾, fica obrigada a «quatro missas cada semana na Cappela de S. Sebastião na sua quinta da Covilhã como consta da escriptura que esta lanssada no Livro das Capp.^s da Cidade de Braga». Une, pelo casamento, os seus vínculos aos do marido. Por ela, em

(29) Mesmo documento da nota anterior. Nele são citados como irmãos de Dona Maria de Sousa: Dona Marta de Sousa e António de Sousa Mendo, ambos residentes na Baía.

(30) Livro *Talvez Poesia*, de Gilberto Freyre, pág. 9.

(31) P.cam de J.^{mo} de azevedo e miranda e sua m.^{er} desta villa, a 25-2-1697. Livro de notas do Tab. Jorge Lobato da Cruz (B-10-2-76) pág. 9. Arq. Mun. A. Pimenta.

(32) Casamento de Dom António de Noronha com Dona Francisca de Sousa e Miranda. Misto n.º 1 da freg. de Santa Eulália de Fermentões. Arq. Mun. A. Pimenta. Foram testemunhas o padre André Pereira, o pai da noiva, e seus primos, Fernão Rebelo de Mesquita e Paulo de Barros de Azevedo.

(33) Escriitura dotal de Dom António de Noronha com Dona Francisca de Sousa e Miranda exarada na Quinta da Covilhã a 4-6-1680. Livro de notas do Tab. Domingos da Cunha. Arq. Mun. A. Pimenta e Arq. da Casa do Costeado.

(34) Misto n.º 3 da freg. de Nossa Senhora da Oliveira. Arq. Mun. A. Pimenta. Embora residente na Covilhã, Jerónimo de Azevedo morreu em casa de seu genro, na Rua dos Fornos.

seus filhos, segue esta Casa da Covilhã onde vive e morre⁽³⁵⁾ nos Amarais Castelo Brancos, Morgados de Elvas.

É seu marido Dom António de Noronha Amaral Castelo Branco, Fidalgo da Casa Real e Morgado de Elvas. Com a espada irrompeu além da fronteira minhota, ilustrando mais o seu nome em surtidas e escapadas pelas rias galegas. «Dom Pedro II Rei de Portugal e dos Algarves... aos serviços de Dom Antonio de Noronha e Amaral feitos a sua custa com suas armas e cavalos e seus criados na provincia do Minho em 1665 na marcha que o nosso exercito fez pello valle de Gondomar e na queima da villa de Bouças e arredores das praças de Bayona, Vigo, Redondela na tomada da Guarda...»⁽³⁶⁾. Apagada nos mansos vales da Galiza a sua sede de um Portugal Restaurado, traz Dom António, à Covilhã, o brilho dos seus feitos e da sua Raça.

Raça forte das Beiras, dos Senhores da Honra de Cardoso. Foi seu bisavô, na varonia, Bernardo do Amaral de Castelo Branco. Com sua segunda mulher, e prima⁽³⁷⁾, Dona Paula de Vasconcelos e Silva, institui a 27-1-1606⁽³⁸⁾, vivendo então em Guimarães, um morgado «para perpetuar para sempre a caza nome e apelido dos Amarais... para nam se perder este nome e gerassam tam antigua e nobre». Vinculam⁽³⁹⁾ suas

(35) Morreu a 4-7-1737. Misto n.º 2 da freg. de Fermentões. Arq. Mun. A. Pimenta.

(36) Documento citado na nota 25.

(37) Dona Paula de Vasconcelos e Silva, era neta materna de Ana Rodrigues do Amaral, irmã de Luís do Amaral de Castelo Branco, avô paterno de seu marido.

(38) Certidão de hum morgado instituido de 1606 por Bernardo do Amaral, Morgado de Elvas. Livro de Emprazamentos do Convento de S. Domingos, n.º 25 (17-4-4) pág. 243. Arq. Mun. A. Pimenta.

(39) Foram estes os bens vinculados: — 200 mil reis de juro assentados nos Reguengos de Guimarães; huas cazas na cidade de Lisboa ao recofício do Santo Espirito asima da Rua de Fornos que rendem dez mil reis; Huas casas grandes na cidade de Elvas junto a Igreja do Salvador... as quais querem seja cabeça deste morgado e que andem sempre melhoradas e que lhe ponham na frontaria dellas em Sima da Porta Principal as Armas dos Amarais rendem dez mil reis; outras cazas abaixo que rendem quatro mil reis, outras duas moradas de cazas que estão no terceiro das cazas grandes q. rendem 4 mil reis; um olival grande q chamam a Quinta de Dona Paula q esta a Porta dos banhos da Cidade de Elvas...; 1 Horta a Fonte das Hortas da dita Cidade... rendem vinte mil reis; as

casas de Elvas desenhadas em brancura pelo luar, recortadas em beirais de noiva, beijadas na sua pureza. Unem-lhe as terras onde crinas de nuvens ao vento, égua linda à desfilada, galopa a lua: quinta de Dona Paula, herdade de Vale de Cavaleiros, caminho de Badajoz, planícies de Olivença...

Por essas alentejanas terras passou Bernardo do Amaral Castelo Branco com o Infante Dom Duarte, seu companheiro de armas e andanças. Desde o paço ducal de Vila Viçosa escreve-lhe a Infanta Dona Catarina, Duquesa de Bragança, por direito Rainha de Portugal⁽⁴⁰⁾, traçando com senhoril letra paisagens leves da vida de Bernardo do Amaral. Agradece o «oferecimento para acompanhardes sempre meos filhos na jornada que querem fazer a Tomar e a Coimbra», manda «folgardes de dar ordem com que se torne para sua casa» um escravo fugido, louva Pero Pinto Cordeiro e na última escusa-se «ainda que eu tenho muito boa vontade para vos favorecer sempre e as vossas... como mereceis por todas as razões que me lembrais não vejo agora como possa fazer o que me pedis...» Em duas cartas é lembrada Dona Paula, «a quem dareis muitos recados meus», sua segunda mulher de quem não tem filhos, mas que ao da primeira⁽⁴¹⁾ «por ter criado em seus braços e Regasso o dito Antonio do Amaral

cazas na Rua da Sapateira em Elvas rendem 4 mil reis; 3 moradas de casas na mesma Rua com face de huma delas para a praça cuja janela he obrigação para o Senhorio della ver todas as festas que se fizerem na dita Praça; umas casas na Rua de Pero Picão (Elvas); a herdade de Val de Cavaleiros no caminho de Elvas para Badajoz ... rende 13 moios de trigo e ...; a herdade do Cabedal que se chama a do Alcaide rende três alqueires e meio de trigo; 3-4 nos pomares misticos que estão na herdade acima descrita; 3 cruzados de foro perpetuos em 3 courelas de vinho nas vinhas de varche; herdade de Santa Cristina termo de Olivença rende cinco moyos de trigo com suas pitanças. Doc. da nota 38.

(40) São 4 curiosas cartas datadas de 1600, 1602, 1603 e 1612 escritas pelo punho da Infanta Dona Catarina, Duquesa de Bragança. Arq. da Casa do Costeado. Estão estas cartas reproduzidas em *fac-simile* no livro *Dona Catarina Duquesa de Bragança, Rainha de Portugal à face do direito*, de Sousa Costa, sem se dizer a quem são dirigidas. Pela época, referências a Dona Paula, e outras circunstâncias, não tenho dúvidas que o destinatário foi Bernardo do Amaral Castello Branco.

(41) A primeira mulher de Bernardo do Amaral Castelo Branco, mãe de António do Amaral Castelo Branco, foi Dona Mariana, Dama da Infanta Dona Isabel.

de Castello Branco de sinco para seis annos como seu proprio», deixa, com o marido, o Morgadio de Elvas.

Nasceu António do Amaral de Castello Branco em Lisboa, em 1577, na freguesia do Loreto. Para Guimarães acompanha o pai e a madrastra. Casam-no, em 1612⁽⁴²⁾, com Dona Isabel de Noronha, filha de João Bravo da Silva, morador no Toural, e de sua mulher, Dona Helena de Noronha, da Casa e Morgado de Curujeiras, em Vila Nova das Infantas. Traz Dona Isabel grande dote e, além disso, por sua mãe, sangue de Noronhas e Meneses, Marqueses de Vila Real, descendentes, em varonia, do Senhor Dom Afonso, Conde de Gijon e de Noronha (filho natural de Henrique II, Rei de Castela) e de sua mulher a Senhora Dona Isabel, filha natural de El-Rei Fernando I de Portugal.

Estremecem estas páginas quando António do Amaral e outros «entrão forsozamente na q.^{ta} de Crujeiras he lhe arrombão as portas della he fizerão a mais contheudo nos autos das denunciações». Preso, presta fiança para «solto se poder livrar do crime q contra elles requerera dona illena de Noronha»⁽⁴³⁾, sua sogra. Vivem os avós paternos de Dom António de Noronha e Amaral em Guimarães, na Rua do Castelo. Aí nasce mais um morgado de Elvas: Dom Nuno de Noronha do Amaral, pai de Dom António. Por «seis anos e tres Meses» bater-se-há sua espada na viziuiha Galiza, repou-sando por fim na Igreja de Arrifana de Sousa, terra natal de sua mulher Dona Maria da Cunha. E a raça de guerreiros e fidalgos na Covilhã continua...

A 6-11-1683⁽⁴⁴⁾ recebe Dom António de Noronha e Amaral mercê de Carta de Armas. Com glória, mostra seus brasões

(42) Dote que faz Joam Bravo da Silva e sua m.^{er} dona Illena de Noronha a sua filha dona Isabel Noronha com antonio do amaral castelo Branco a 5-10-1612. Livro de notas 10-1-74. Arq. Mun. A. Pimenta.

(43) Fianssa que faz ant.^o de Castelbrc.^o he outros. Livro de notas n.^o 12-3-30. Arq. Mun. A. Pimenta.

(44) Armas dos Noronhas e Meneses da casa de Vila Real. D. uma cotica negra em contrabanda, posta sobre todo o escudo. B.p. a 6 de Novembro de 1683. Livro 3.^o fl. 540 in-*Brasões inéditos* de José Sousa Machado. Esta carta de Armas encontra-se também no Arquivo da Casa do Costeado: Brazam de fidalguia e geraçam de Dom António de Noronha do Amaral e Castello Branco.

aos sete filhos ⁽⁴⁵⁾ que das mãos de Deus vão chegando. Sai da Covilhã o hino da esperança. Nas «cazas grandes de dous andares sobradadas e pintadas as genellas q são sette rasgadas para a parte do Sul... e tem pera a parte do Nascente hua Cappella cuja fabrica he de Manuel Peixoto de Miranda teem estas cazas sua logea por baixo...» ⁽⁴⁶⁾ brilha o sol, cantam os campos, e lágrimas de alegria brotam das terras contentes.

De negro se tingem estas páginas. Esmagada pela morte, cambaleia a Casa da Covilhã. Primeiro, Dom António de Noronha e Amaral a 27-6-1712 ⁽⁴⁷⁾. Depois, o filho mais velho, Dom Francisco Xavier de Noronha, sucessor, Morgado de Elvas, o que não paga por inteiro o foro das herdades do Alcaide e Vale de Cavaleiros, «mas sim com a deminuição q ao tempo da guerra passada fizeram um abatimento q devia durar emquanto durace aquela guerra pellas herdades não terem então rendimentos capazes e agora q voltaram ao primeiro estado...» ⁽⁴⁸⁾ a 6-10-1724 ⁽⁴⁹⁾. E todos os outros, Dom António, as meninas, repentinamente Dom Sebastião, a 17-12-1747 ⁽⁵⁰⁾, um a um se desfazem na revolta da juventude, que quer vida, na resignação da Fé cristã, que ensina paz.

Também parte, a 4-7-1737 ⁽⁵¹⁾, Dona Francisca de Sousa e Miranda, senhora da Casa. De todos, fica apenas o filho mais

⁽⁴⁵⁾ Foram estes: Dom Nuno m. m.; Dom Francisco suc. °, na Covilhã, bap. a 31-10-1688; Dona Maria m. m. ° na Covilhã, bap. a 13-1-1691; Dom António, Dom Sebastião, Dona Joana, Dona Ana e Dom Jerónimo ° na Covilhã e bap. a 12-10-1701.

⁽⁴⁶⁾ Prazo feito a 5-2-1705 a Dom António de Noronha e Amaral. Livro de Prazos do Convento da Costa, n.º 24, pág. 52 v.º Noutros livros de Prazos encontram-se prazos mais antigos. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽⁴⁷⁾ Misto n.º 2 da freg. de Fermentões, pág. 2. Arq. Mun. A. Pimenta. Está sepultado em Guimarães, na Igreja da Misericórdia, junto ao altar de Nossa Senhora da Paz.

⁽⁴⁸⁾ Bernardo do Amaral Castello Branco quando fez o dote para sua filha Dona Francisca ir para freira obrigou especialmente estas herdades para satisfação do dote. Livro n.º B-17-4-5. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽⁴⁹⁾ Misto n.º 2 da freg. de Fermentões, pág. 27. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽⁵⁰⁾ Mesmo livro da nota 49, pág. 56.

⁽⁵¹⁾ Misto n.º 2 da freg. de Fermentões. Arq. Mun. A. Pimenta. Dona Francisca tinha feito testamento, a 20-4-1713, tendo então seis filhos: Dom Francisco, Dom António, Dom Sebastião, Dom Jerónimo, Dona Ana Maria e Dona Joana Maria. Arq. da Casa do Costeado.

novo, Dom Jerónimo de Noronha, solteiro como os outros. Pesado é o virar destas páginas de luto carregadas. Negras nuvens de hipotecas trazidas por Dom Jerónimo abatem-se sobre a Casa da Covilhã, e entre elas, por algum tempo, desaparece das mãos dos Amaraes Castelo Brancos, Morgados de Elvas. «... sendo vivo Dom Jerónimo de Noronha pediu com licença aos Padres da Costa dinheiro ao Rev.^{do} Irmão José Crisóstomo de Sousa hipotecando a Covilhã, a 24-3-1763 Por morte deste passaram os bens ao Beneficiado José de Sousa Carvalho, seu irmão...»⁽⁵²⁾. E as nuvens, acumulando-se, escondem a Casa da Covilhã, tirando-a, por treze anos, da nossa vista e do nosso sentir.

Sendo executante o Rev.^{do} João Machado de Eça, a 31-7-1776, no Toural, por «serem horas costumadas e convenientes para semelhantes actos comessou o pregoeiro de paciara por esta mesma praça com hum ramo de oliveira verde que na mão trazia a vista de muita gente que nela se achava paciava hia e vinha dizendo em altas intelligiveis vozes por todos claramente entendidas que quem quizer lançar na quinta da Covilham e sinco rodas de moinhos no valor de dois contos quinhentos e setenta mil e oitocentos reis e andando pregoava com este pregão e repetindo por algumas vezes nesta maneira appareceu Dom José António de Noronha Castello Branco desta villa e por elle foi dito que dava dois contos quinhentos e oitenta mil reis...»⁽⁵³⁾.

José, nascido no mês do seu santo, a 25, do ano da graça de 1727, é filho de Maria da Silva, solteira⁽⁵⁴⁾. É seu pai Dom Jerónimo de Noronha e Amaral, filho mais novo de Dom António de Noronha e Amaral e de sua mulher Dona Francisca de Sousa e Miranda. É o poema da árvore

⁽⁵²⁾ Apontamento tirado das escrituras existentes no Arq. da Casa do Costeado.

⁽⁵³⁾ Arrematação em praça pública, a 31-7-1776, da Quinta da Covilhã, na execução movida por Frei Henrique José Jacques de Magalhães. Escritura existente no Arq. da Casa do Costeado.

⁽⁵⁴⁾ José, filho de Maria, solteira, filha de Pedro Machado, no lugar da Boavista, Creixomil, nasceu a 25-3-1727. Bap. a 28 sendo padrinho Manuel Francisco, tecelão do mesmo lugar. Livro de Bap. da freg. de S. Miguel de Creixomil n.º 1, pág. 45 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

gigante, quase a cair, refrescada nos seus pequeninos rebentos. É a gota de água saltitante em campos secos, dando-lhes o verde e o viço. As pedras da Casa da Covilhã, enegrecidas pela dor, acolhem, contentes, Dom José António do Amaral Noronha e Castelo Branco, por seu pai reconhecido e legitimado. Tocam os sinos da sua capelinha festejando a volta da Casa para os seus senhores.

Pelo casamento, em 1776⁽⁵⁵⁾, de Dom José do Amaral Noronha e Castelo Branco com Dona Luísa Teresa Bernardes de Carvalho e Figueiredo somos levados à casa grande da Rua de S. Domingos, em Guimarães, onde a noiva vive com seus pais e irmãos. Estudemos a família que entra nestas páginas de cabeça erguida pela riqueza e honradez. Surgiu das modestas fontes dos Casais do Miradouro e da Fonte, em Creixomil; da Almuinha, do Pombal e da Arruela, em Prazins; dos Rebotos, em Candoso; da Portela, em S. Jorge do Selho; da Igreja, em Joane. Levantou-se pelo trabalho através dos séculos, pela ilustração dos filhos sacerdotes, na vitória de um ou de outro emigrante. É um sangue forte, criado na terra, espalhado por todo o concelho, abraçando muitos solares e correndo, rasteirinho, em muitas casas de lavradores.

Na casa grande da Rua de S. Domingos vivem José Bernardes Branco Ribeiro de Carvalho, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo⁽⁵⁶⁾, Tesoureiro Mor da Bula da Santa Cruzada, Fidalgo da Cota de Armas⁽⁵⁷⁾, e sua mulher e prima, Dona Ana Maria Bernardes de Figueiredo, casados desde 1741⁽⁵⁸⁾. Senhores de imensas terras, dos muitos casais dos seus maiores, três filhas têm no Convento de Santa

⁽⁵⁵⁾ Livro de Casamentos n.º 4 da freg. de S. Paio, pág. 55 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽⁵⁶⁾ Armado Cavaleiro de Cristo em Tomar, no Convento de Cristo, a 22-6-1748. Arq. da Casa do Costeado.

⁽⁵⁷⁾ José Bernardes Branco Ribeiro de Carvalho teve mercê de Carta de Armas de Ribeiros e Carvalhos, passada a 18-5-1772. Carta de Nobreza no Liv. 2.º, a fls. 92 v.º In-*Arquivo Heraldico*, de Sanches de Baêna. Esta Carta de Armas existe no Arq. da Casa do Costeado.

⁽⁵⁸⁾ A escritura deste casamento foi feita, a 18-2-1741, nas notas do Tab. José da Costa. Arq. Mun. A. Pimenta.

Clara: Dona Josefa Luísa, Dona Catarina Leonor de Sena e Dona Ana Rita de Carvalho e Figueiredo. O mais velho dos filhos é o Rev. Dr. Paulo Joaquim de Carvalho, Doutor em Cânones por Coimbra e cônego da Santa Sé de Braga. Formados também são os outros dois, Domingos Joaquim e Luís António. Depois de bem dotarem a única filha casada, Dona Luísa Teresa, mulher do fidalgo da Covilhã, fazem casa no filho mais novo, o Dr. Luís António Branco Bernardes de Carvalho. Tal é a família dos Brancos Bernardes na altura que se une à dos Morgados de Elvas.

Quatro filhos têm Dom José António e sua mulher: — Dona Maria José, nascida na Covilhã, a 28-3-1777⁽⁵⁹⁾, Dom José do Amaral Castelo Branco, onde se extingue a varonia, Dom António do Amaral Castelo Branco e Noronha, freire no Convento de S. Tiago da Espada e mais tarde, como seu tio materno, cônego da Sé de Braga, e Dona Leonor Maria do Amaral e Noronha, que morre solteira. Pequenos são ainda, quando por breve prazo mergulham as quintas em hipotecas, os de seu tio Luís António e os de seu pai, fiador do cunhado: Covilhã, Olival, em Santa Cruz do Tâmega, Santiaguinho, em Penafiel, e os rendimentos dos Morgados de Elvas e Outeiro Levado⁽⁶⁰⁾. Pouco maiores quando, só «com a Estremaunção e não os mais por não estar em termos de os receber falece, a 13-10-1749, José António Amaral Castelo Branco estando na ocasião da colheita na sua quinta da Covilhã e por sua antecedente vontade depositado em S. Domingos»⁽⁶¹⁾. Anos depois, na Covilhã também, desaparece seu cunhado, o Desembargador Domingos Joaquim Branco de Carvalho, a 15-4-1801⁽⁶²⁾.

Sucede na Casa da Covilhã a mais velha das filhas, Dona Maria José do Amaral Castelo Branco e Noronha

(⁵⁹) Livro de Baptizados n.º 2 da freg. de Santa Eulália de Fermentões, pág. 42. Arq. Mun. A. Pimenta. Foi baptizada na Capela da Casa da Covilhã.

(⁶⁰) Hipoteca de Luís António Branco Bernardes de Carvalho, feita no ano de 1789. Livro de notas (B-6-4-7). Arq. Mun. A. Pimenta.

(⁶¹) Livro de Óbidos, n.º 1, da freg. de Santa Eulália de Fermentões, Arq. Mun. A. Pimenta.

(⁶²) Mesmo livro da nota 61.

«senhora das legítimas que lhe tocaram por falecimento de seu Pai e Irmão e todos os bens prazos foros e herdades que a sua mãe pertencem» (63). Pensa a mãe em casá-la. Escolhe para genro seu irmão mais novo, o Desembargador Luís António Branco Bernardes de Carvalho, 28 anos mais velho que a sobrinha, sua futura mulher. Na noite enluarada de 5-2-1805 (64), sendo testemunhas o cura, o hortelão e o caseiro da casa, na capelinha da Covilhã apaga-se a imemorial varonia dos Cardosos, dos Morgados de Elvas, para dar lugar à dos Gonçalves Brancos, do Casal do Miradouro.

Tem quase cinquenta anos o noivo que sai da Capela da Covilhã. Teve uma vida movimentada, rasgou os horizontes minhotos um turbilhão que nas matas da Covilhã vem descansar. Nascido no Casal do Reboito, a 10-2-1749 (65), destinado à carreira eclesiástica, chega a tomar ordens de prima tonsura e quarto grau em 13-2-1761 (66). Bacharel por Coimbra, tem a certidão da leitura de Desembargador do Paço, a 16-1-1768. Acumulam-se as Cartas Régias que como Juiz de Fora o mudam de comarca em comarca: Almada, Sortelha, Belmonte, e a última, a de 5-12-1787, para um cargo mais longe, perdido no mistério dos mundos distantes: Ouvidor e depois Provedor das Tomadas dos defuntos e ausentes, Capelas e Resíduos da Comarca do Rio das Mortes, Reino do Brasil (67).

Para as terras do oiro e dos brilhantes parte o Dr. Luís António Branco Bernardes de Carvalho. Deslumbrados pelos vidros brancos facetados de mil cores, gerações de homens

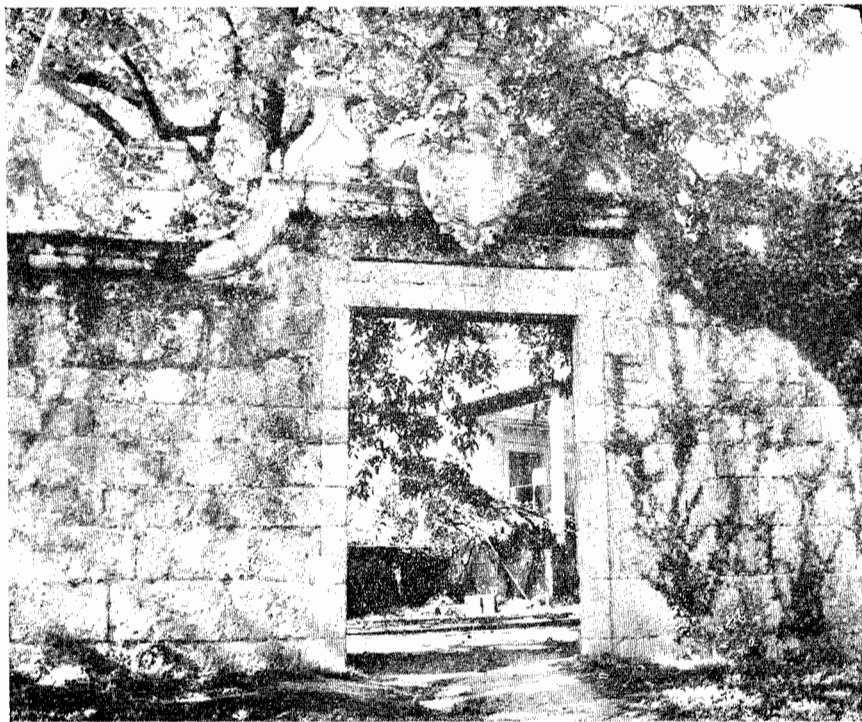
(63) Dote do Desembargador Luís António Bernardes de Carvalho com sua sobrinha Dona Maria José do Amaral Castelo Branco e Noronha, a 21-2-1805. Livro de notas do Tab. José Leite Duarte (11-1-108), pág. 71 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

(64) Livro de Casamentos da Freg. de Fermentões, 1803-74, pág. 7. Conservatória do Registo Civil em Guimarães.

(65) Livro de Baptismos n.º 4, de S. Martinho de Candozo. Arq. Mun. A. Pimenta.

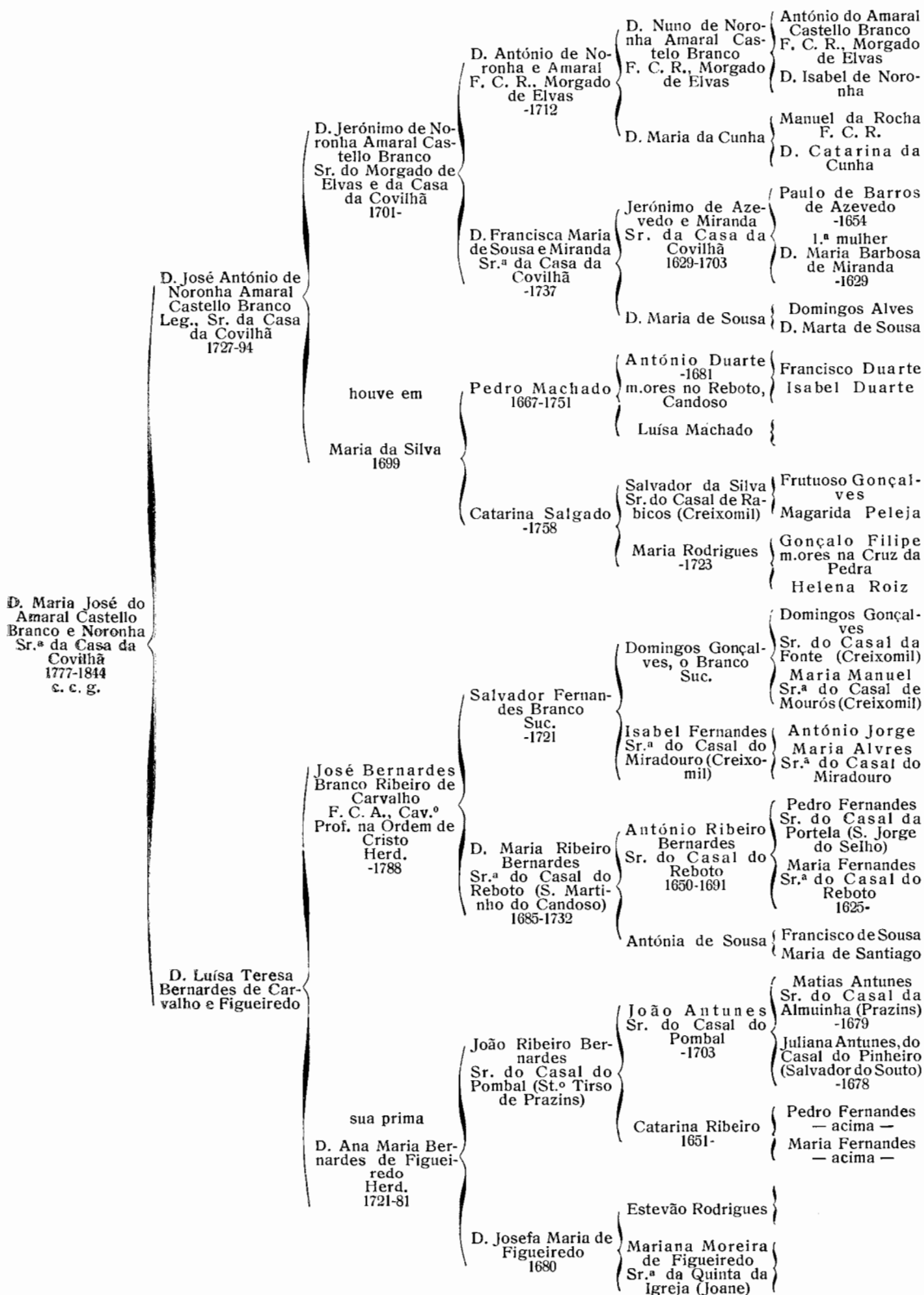
(66) Títulos relativos à pessoa do Senhor Luís António Branco Bernardes de Carvalho. Documentos existentes na Casa do Costeado.

(67) Alvará de 15-12-1787 nomeando-o para Provedor das Tomadas dos defuntos e ausentes, capelas e resíduos da Comarca do Rio das Mortes. Nota 66.



Portal da Casa da Covilhã

CASA DA COVILHÃ



atravessaram os mares, abriram caminhos na selva, enter-raram-se nos seus rios, mordendo desesperados o cascalho. Do fundo da terra, aos arranques da alma e do corpo, tiraram o oiro. E o oiro transbordou, atirou-os, com os bolsos reple-tos, à morte dos caminhos no desespero de terem a fortuna nas mãos e nada com ela puderem comprar. Pepitas e bri-lhantes rolaram pelas mesas; casas, ruas e altares surgiram da floresta, faiscantes de oiro e pedrarias. Com elas, a riqueza e a ambição a cegarem os homens; o crime, o heroísmo e a ressurreição a riscarem as matas. Nesta comarca do Rio das Mortes, Capitania de Minas Gerais ⁽⁶⁸⁾, exerceu por bastantes anos Luís António o ofício de Ouvidor e Provedor.

Adoeceu, pois «logo que chegou a esta começou a ser atacado de huma erupção cutanea a qual se lhe ulcerava de tal sorte que lhe fazia cahir a maior parte das unhas Tendo uzado de remedios para curar aquella erupção reverteu esta em hum decubito acrimoniozo sobre o bofe, de que lhe resultou uma toce pertinaz complicada com espasmos ner-vosos e vigílias que progressivamente se foram agravando ate que sendo acabado aquele lugar do seu ministério a tempo de não haver comboyo do Rio de Janeiro para este Reino se retirou para Vila Rica ⁽⁶⁹⁾ no principio do ano de 1796 gravemente atacado das ditas vigílias espasmos e toce con-vulsiva que continuou a padecer ate ao ponto de lansar por vezes alguns espulos de sangue epoca em que lhe comecei a aplicar remédios, com os quais cessou este ultimo insulto, nunca porem melhorou dos espasmos toce e vigílias sendo por isso obrigado a continuar a dieta passeios de Cavallaria e remédios paliativos até poder mudar de clima o que con-seguiu recolhendo-se para esta Corte onde o achei em Setem-bro de 1800 ainda mal convalescido e sempre com repetidos ataques de toce e espasmos...» ⁽⁷⁰⁾.

⁽⁶⁸⁾ É hoje a cidade de São João d'El-Rei, Estado de Minas, Brasil.

⁽⁶⁹⁾ Vila Rica é hoje a cidade de Ouro Preto, também no Estado de Minas Gerais.

⁽⁷⁰⁾ Certidões passadas em 28-4-1802 a respeito da moléstia que Luís Branco Bernardes de Carvalho padeceu na comarca do Rio das Mortes. Arq. da Casa do Costeado. Está este documento assinado por António José Vieira de Carvalho.

Na volta, é nomeado corregedor da comarca de Viana do Castelo⁽⁷¹⁾ e, depois, Desembargador da Relação do Porto, com ordenado por inteiro⁽⁷²⁾. E na Covilhã descansa, rodeado pela mulher, e por dois filhos, até que Deus é servido em o chamar a Si em 18-12-1824⁽⁷³⁾. Sua viúva e sobrinha, Dona Maria José do Amaral Castello Branco e Noronha, deixa, por sua vez, ao primogénito José do Amaral Castello Branco Bernardes de Carvalho toda a sua Casa, recomendando *«emquanto meus irmãos Dom António do Amaral e Dona Leonor Maria e minha filha Dona Maria Tereza se conservarem na Caza e companhia como dezejo será obrigado a sustentar a sua Meza e dar-lhes de camas e roupas de Linho para vestir tudo com a decencia com que sempre os tratei e alem disso dará annualmente a minha Irmaa a quantia de sincoenta mil reis metalicos e ao dito meo Irmão a quantia do cem milrreis tambem metalicos e annualmente cuja quantia lhe contribuirá e concorrera ainda que seja restituído ao Beneficio e Canonicato de que foi privado...», «... e a minha filha Maria Tereza reservo o usufructo da Quinta da Covilhã de cima e de baixo moinhos e quintal pertença da mesma...»*⁽⁷⁴⁾.

À entrada da quinta, frente ao caminho das austrálias, está o portão com as armas:—esquarteladas no 1.º as do Reino; no 2.º Castela; no 3.º Menezes de Tarouca; no 4.º Amaral. Sobreposto ao todo um escudete: Carvalho. Diferença: uma cotica posta em contrabanda no 1.º quartel. São os Morgados de Elvas unidos aos Senhores do Prazo do Miradouro que continuam. José do Amaral Castello Branco Bernardes de Carvalho casou em 1844 com Dona Maria da Conceição Vaz Vieira de Melo e Nápoles, irmã de António Vaz

(71) Carta Régia de 3-12-1804 nomeando-o Corregedor da Comarca de Viana e fazendo neste o lugar de Desembargador da Relação ou casa do Porto. Nota 66.

(72) Alvará de 30-7-1805 apresentando-o no lugar de Desembargador do Porto com ordenado por inteiro. Nota 66.

(73) Livro de Óbitos da freg. de Fermentões. Conservatória do Registo Civil, Guimarães.

(74) Registo do testamento da Ex.^{ma} Dona Maria José do Amaral Castello Branco de Noronha, viúva, da Rua de São Domingos desta villa. Livro dos testamentos cerrados n.º 11 (B-7-37) pág. 37. Arq. Mun. A. Pimenta. Dona Maria José morreu na Covilhã, a 25-9-1844 e jaz em S. Domingos.

Vieira de Melo e Nápoles, senhor da Casa do Toural e Morgado de Tresmonde. Fácil é imaginar o viver da Covilhã em meados de oitocentos. É a velha tia solteira, Dona Leonor Maria de Noronha e Menezes, a desvelar-se com as sobrinhas netas: Dona Maria José, nascida a 14-7-1845 ⁽⁷⁵⁾, e a pequenina Dona Leonor Filomena, luz apagada mal começa a tremelicar na vida. É na sala de jantar mais um «faqueiro novo de prata». É o Rev.^{do} Dom António, a quem a lei de 1834 tirara a conezia, a gemer as liberdades do tempo e a suspirar as regalias do passado. É, a dar as horas, «o novo relógio de jaspe» comprado por Dona Maria da Conceição. Mas, com a prematura morte de José do Amaral Castello Branco Bernardes de Carvalho, nesta Casa, a 2-7-1847 ⁽⁷⁶⁾, começa o lento apagar da Covilhã. À tia, Dona Leonor Maria, deixa *«como pinhor de gratidão e muita amisade que lhe devo mas acomodado às minhas acanhadas actuais circunstancias o usufructo da minha propriedade do Olival no lugar do Miradouro e o foro que me paga...»* À viúva, Dona Maria da Conceição Vaz Vieira de Melo e Nápoles, que *«empregue todas as diligencias para a Casa ser desonerada da fiança feita na divida que contraiu seu irmão António Vaz Vieira na Santa Casa da Misericórdia»* ⁽⁷⁷⁾. À filha, de quatro anos, Dona Maria José do Amaral Castello Branco Bernardes de Carvalho e Noronha, todos os vínculos e prazos de seus maiores *«recomendando muito a devida obediencia e bom tratamento a meus Thios e Irmã»*. Recebe esta de seu tio avô materno, António de Nápoles Vaz Vieira de Mello e Alvim ⁽⁷⁸⁾, a Casa do Costeado, em S. Miguel de Creixomil.

⁽⁷⁵⁾ Livro de Bap. da freg. de Fermentões. Conservatória do Registo Civil, Guimarães.

⁽⁷⁶⁾ Livro de Óbitos da freg. de Fermentões. Conservatória do Registo Civil, Guimarães.

⁽⁷⁷⁾ Reg.^o do Testamento do Ill.^{mo} José do Amaral Castello Branco Bernardes de Carvalho, da Rua de Sam Domingos da villa de Gui.^{es}, Liv.^o dos Testamentos Cerrados da villa de Gui.^{es} n.^o 14 (B-7-4-40) pág. 60. Arq. Mun. A. Pimenta. José do Amaral jaz em S. Domingos.

⁽⁷⁸⁾ António de Nápoles Vaz Vieira de Mello e Alvim. 1.^o Barão do Costeado, herdou a Casa do Costeado e a Casa de Torrados, em Felgueiras, de sua mulher Dona Ana Peregrina de Faria Freire de Andrade. (Ver nota 27 do Casal da Ribeira de Cima, S. João de Ponte, in-*Boletim de Tra-*

O «Costiago», com suas lendas, os seus valentes rapazes caídos nas guerras, o jardim da sua Menina assassinada, todo o passado dos seus antigos donos, passa a ser a residência da Família. Do casamento da Morgada da Covilhã, Dona Maria José, com Adelino Pinto Tavares de Mendonça Ferrão, Fidalgo da Casa Real, nascem quatro filhos: — Dona Maria José, † solteira; José Pinto Tavares Ferrão de Noronha e Nápoles, falecido em vida dos pais, logo seguido, (em vida dos avós) pela única filha que teve de sua mulher Dona Beatriz de Castro Meireles; Dona Maria da Conceição, casada, sem geração, com José Rebelo Barbosa, e Dona Maria Teresa do Amaral Ferrão de Noronha Castello Branco, por onde segue a geração ⁽⁷⁹⁾.

Casa esta Senhora, a 20-1-1892, com Rodrigo Lobo de Sousa Machado Cardoso de Menezes, filho segundo dos 1.^{os} Viscondes de Paço de Nespereira. Só têm, única, Dona Maria José do Amaral Ferrão Lobo Machado, ° a 14-11-1892, † a 18-2-51, na Foz do Douro, em cujo cemitério jaz, senhora e representante de toda esta Casa, mulher de seu primo, Dom José Pinto Tavares de Mendonça Ferrão de Castello Branco e Távora, «caracter integro, inteligencia viva e culta onde se reflete o mais entranhado amor pelas belas coisas do Espirito» ⁽⁸⁰⁾, Bacharel em Direito, integralista, e um dos fundadores da Revista *Gil Vicente*, é ao Costeado que pertence a sua história.

balhos Históricos, vol. XXIV, 1964, págs. 8 e 9). Não tendo filhos deixou estes bens a sua sobrinha neta Dona Maria José do Amaral Castello Branco Bernardes de Carvalho e Noronha.

⁽⁷⁹⁾ Ver *Últimas Gerações* de José Sousa Machado. «Casa da Covilhã». Nas *Árvores de Costados das Famílias Nobres*, de José Barbosa Canaes, a árvore da Covilhã é a n.º 81.

⁽⁸⁰⁾ «Na morte de D. José Ferrão», por Manuel Alves de Oliveira, in-Revista *Gil Vicente*, vol. XV, n.ºs 5 e 6, ano 1964. Dom José Ferrão nasceu a 8-7-1882 e † a 9-5-1964, na sua casa da Rua da Senhora da Luz, 438, na Foz do Douro, sendo sepultado, junto de sua mulher, no cemitério daquela praia. Era filho segundo de Bernardo José Pinto Tavares Ferrão e de sua m.^{er} Dona Maria Carlota Afonso Mendes de Almeida Mendes Coutinho, neto paterno de José Pinto Tavares Ferrão Pacheco de Castello Branco, F. C. R., Morgado de Recardães, e de sua mulher Dona Maria José de Avelar.

A Covilhã não morre. Embora lapidada pelo vento, estragada pela chuva, a mais antiga Casa da freguesia de Santa Eulália de Fermentões, ressuscita nos oitavos netos de Jerónimo de Azevedo e Miranda, seus actuais senhores, filhos de Dona Maria José e de seu marido e primo Dom José Ferrão⁽⁸¹⁾.

Vive a Casa na esperança de um restauro, na faina constante de seus campos, onde já tractores abrem sulcos, na paz dos pinhais que a cercam, na alegria do seu maravilhoso vinho, na dedicação de quem a dirige⁽⁸²⁾, e assim, na quase certeza de, um dia remoçada, voltar a ser a Casa-Mãe dos Morgados de Elvas, senhores da Covilhã e do Prazo do Mira-douro.

MARIA ADELAIDE PEREIRA DE MORAES

(Desenhos de Dona Maria Teresa
Pereira de Moraes)

(⁸¹) Hoje esta família é representada pelo primogénito Dom Bernardo Ferrão de Tavares e Távora ° 17-4-1913, Engenheiro Civil (F. E. P.) casado com Dona Isabel Maria de Villas Boas Pinto de Queirós Montenegro (c. g.).

(⁸²) É Dom Rodrigo Ferrão e Noronha, filho segundo, ° 25-3-1918, casado com sua prima co-irmã Dona Maria Carlota Cirne Tavares e Távora, residentes em Guimarães, na Casa do Costeado. A ambos, muito agra-deço a maneira tão simpática e amiga como me abriram o arquivo da Casa do Costeado.

Correcções

Pág. 40	—	linha 20	—	leia-se	—	ricos
	—	» 22	—	»	—	desentroncado
» 46	—	» 12	—	»	—	Inspirado
	—	nota 68 (3)	—	»	—	então
» 65	—	linha 15	—	»	—	senhora
» 68	—	nota 18 (3)	—	»	—	os autores das mortes dos marinheiros
» 69	—	linha 11	—	»	—	Morgadio
	—	» 31	—	»	—	outros